

O começo de 87, como todos os começos de anno aqui, só apresentou de novo, no Theatro, *O Carioca*, revista do anno passado, por Arthur Azevedo e Moreira Sampaio. Inhibo-me de dizer algumas palavras sobre esta peça, porque as noticias d'aqui já devem ter ecoado no Ceará, bem como a divertida discussão entre um dos auctores da peça e o illustrado explicador de annexins, o Dr. Castro Lopes, sobre o plagio ou encontro de ideias que houve entre um grande quadro d'*O Carioca* e *A Princeza Flor de Neve*.

N'*O Carioca* o quadro representa a côrte de S. M. Conto de Réis, com guarda de honra de nickeis, patações, soberanos, etc. E na *Princeza*, o reinodas moedas com guarda de honra da rainha Libra.

A' proposito d'este plagio, foi acrescentado um novo acto a *O Carioca*, onde o conhecido Xisto Bahia tem o papel capital—Um matuto do norte. Imaginem como isso é enorme!

Embarcou para o Mexico, de onde seguirá para a Italia o estimado artista Felix Bernardelli, irmão do conhecido e genial Rodolpho Bernardelli. Vae em companhia de sua querida mãe, M.^{ma} Celestina Bernardelli. Estudará musica; e temos tudo a esperar deste moço, modesto de mais para viver em um circulo onde só a pretenciosidade e a audacia dão titulos de grande.

Ao seu embarque concorreram diversos artistas bastante conhecidos.

Rodolpho Bernardelli apresenta em exposição, terça-feira proxima (1 de fevereiro) o modelo do tumulo de José Bonifacio. Representa o patri-

archa em marmore de Carrara, sobre um catafalco de marmore cinzento, adornado nos angulos com palmas de bronze dourado a fogo. Cobrindo o corpo até ao peito, estende-se um lençol de bronze antigo.

E' um grande trabalho de uma simplicidade commovente. Impressiona profundamente aquella face descarnada, sulcada, os olhos encovados pela falta de vida. A pressão nervosa dos dedos do grande artista torna como que fugidia ao tacto a *pelle* da estatua, como se tocássemos sobre o craneo ou sobre os ossos do morto.

Está tambem concluida pela mão do mesmo artista o modelo da estatua que pretendem eregir no jardim do caes, da Gloria ao poeta da Iracema, ao nosso grande patricio José de Alencar. O modelo tem 1 metro. O grande romancista está sentado na attitude de quem pensa, tendo um volume em branco em uma das mãos, e na outra uma penna. No pedestal, uns medallhões de bronze antigo, entrelaçados com ramos e folhas de palmeira em bronze dourado, representam os personagens dos romances do grande genio. A impressão que sente um brasileiro, ainda mais um cearense, diante d'aquelle pequeno modelo, é a de um entusiasmo intimo. Estremece-se de veneração e de pena, e de horror pela morte que roubou tão cedo o naturalista dos Perfis de Mulher. Creio que a subscrição para este trabalho não está coberta, e deve-se esperar do patriotismo cearense a conclusão desta divida, e tardia recompensa ao grande vulto José de Alencar.

Foi hoje á scena no Recreio Dramatico a comedia de Or-

donneau, «A Familia Fantastica.» Um successo do qual fallarei na proxima carta.

Uma nova revista de Oscar Pederneiras, *Zé Caipora*, tambem subiu hoje no theatro Principe Imperial. Prometto tambem no proximo paquete tratar d'ella, assim como de um drama do senador Taunay, intitulado «Amelia Smith».

MARIO.

A mulher cearense

II

Como já affirmamos, o phenomeno da aproximação mental e moral entreo homem e a mulher é um facto que a psychologia dos povos chegados mesmo a um grao notavel de cultura só assignala como caso excepcional. Este phenomeno verifica-se no Ceará, onde a mulher pelo influxo de certos factores historicos adquiriu privilegiada organização psychologica.

Não será ocioso, para corroborar este nosso conceito, delinear, syntheticamente, a evolução da mulher desde os tempos primitivos até ao seu mais elevado ponto de civilização actual.

Neste esboço supprimimos muito detalhe, aliás interessante, que a Ethnologia nos fornece, permittindo-nos percorrer a escala do desenvolvimento humano desde grãos muito inferiores.

Escrava para a qual o homem não tinha mais desvelos que para os animaes que cercavam-n'o, amolgava sob a pressão da vontade extranha. De modo absoluto proclamavam as sociedades antigas a sua inferioridade relativa ao homem, procurando assim justificar o estado de abjecção a que sujeitavam-n'a e o descu-

ramento de sua instrução. Passou longo percurso de seculos dominada pela força.

Continuou, mesmo em regimen social mais ameno e civilizado, a ser servilizada ao capricho do homem, recebendo um educação em que a vaidade, a ostentação espectacular e a obediência, eram a unica preocupação.

A mulher, a quem diversas religiões, o Christianismo e o Brahmanismo, tem procurado remir desse captiveiro e mais de uma philosophia, como a concepção do positivismo do immortal pensador Augusto Comte, tentado utilisar-se d'ella para a reconstrucção politico-social, tem vivido sem autonomia, desprovida de vontade, prestando-se a mero ornato em apuradas civilisações mesmo da Europa contemporanea.

O homem monopolizando a instrução, entregue a todas as agitações da vida publica, descortinando largo campo de acção ás suas faculdades mais elevadas na arte, na litteratura, na sciencia, na guerra, desenvolvia-se, e a mulher, passiva, afogada na apathia, sempre com a ignorancia da infancia, sem actividade das funcções cerebraes, encerrada, emfim, na estreiteza do gynecu, definhava.

E' uma lei de physiologia o -aperfeiçoamento do orgão que funciona regularmente.

Assim, ainda mesmo nas sociedades onde os costumes se tem tornado mais suaves e polidos, o cerebro da mulher, á mingua de exercicio, tem-se atrophiado, accentuando-se cada vez mais sua inferioridade psychica em relação ao homem.

Accumulada pela hereditariedade, mantida pela rotina, por habitos e prejuizos vinculados na sociedade européa,

originada pelo systema educacionista a inferioridade da mulher chegou a annullar, em geral, as suas mais bellas aptidões.

Scientificamente comprova-se o facto, que talvez afigure-se singuzar á primeira inspecção, de não poder ella em paizes cultos como a França e a Belgica, por exemplo, entrar em concurrencia com o homem á vida social. Restringe-se ahi a sua actividade á intimidade do lar.

Um notavel anthropologista, o dr. Le Bon, em interessante estudo de craneologia, affirma que—«o estudo dos cerebros femininos mostra que nas raças mais civilizadas, como os Parisienses contemporaneos, ha notavel proporção da população feminina cujo craneo se approxima mais do do gorilla que dos craneos do sexo masculino mais desenvolvidos.» Conclue, pondo o volume cerebral em relação com o desenvolvimento da intelligencia, que a capacidade das mulheres das raças superiores, onde o seu papel é quasi nullo, é menor que a das mulheres das raças inferiores. Isto explica-se.

Em que distingue-se, em geral a mulher parisiense? Tendo parca cultura mental, nenhuma participação no torvelinho da vida publica, apenas apura a sensibilidade em alguns trabalhos artisticos, nas festas fugaces, nas modas bonitas e inconstantes, permanecendo psychologicamente em paridade com a criança.

'Numa raça inferior, porem, numa tribu de indios das margens de qualquer de nossos grandes rios centraes, a mulher mostra-se, sinão superior, ao menos igual ao homem; pois este concentrado

no officio da guerra e da caça, deixa-lhe a tarefa de curar da pequena agricultura, a fabricação dos utensilios domesticos e guerreiros, os delicadissimos trabalhos da tecelagem e da arte ceramica, em que avigora a potencia intellectual.

Poderosos factores do desenvolvimento social, cujas circumstancias determinantes já evidenciamos, intervieram na formação do character cearense: o meio, a lucta pela existencia e, derivadamente, a selecção natural. A mulher cearense compartilhando, portanto, o *modus vivendi* do homem irriçado de difficuldades, alargando o circulo de sua actividade, adquiriu esse exaggero de sensibilidade, a extremada vivacidade de sentimento e vigor mental que deu-lhe direito de occupar saliente posição nos ousados commettimentos que convulsionaram a provincia e repercutiram em todos os angulos do paiz.

Explica-se assim a aproximação de sua intellectualidade da do homem. Formado o seu character, começaram então a expandir-se livre e brilhantemente os thesouros de sentimentos sadios e energia verdadeiramente espartana, que occultavam-se na penumbra da familia. Extraordinario progresso é o que contrasta a observação séria e aprofundada das inspirações filhas do sentimento e das creações oriundas da intelligencia da mulher.

(Continúa)

ABEL GARCIA.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 4

FORTALEZA, 28 DE FEVEREIRO DE 1887.

SUMMARIO

A mulher cearense—ABEL GARCIA ;
A ética—VIRGILIO VARZEA ;
Duas palavras sobre a psychologia ethnographica—FARIAS BRITO ;
Messalina—MARTINHO RODRIGUES ;
Os quinze dias—J. L. ;
O velho vôvô—OLIVEIRA PAIVA ;
O padre Francisco Pinto ou a primeira catechese de infios no Ceará—PAULINO NOGUEIRA.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

A mulher cearense

III

(Conclusão)

Não detemo-nos em aferir o grão da influencia do espirito feminino sobre os nossos costumes, cuja feição é já tão original. Não se tem restringido o influxo poderoso de sua individualidade aos salões, onde só ella tem podido imprimir nas maneiras e nos mais simples movimentos do homem a expressão amena dos sentimentos hondosos e do enthusiasmo, que sempre revela a sua organização impressionavel. Sua alma excita-se vivamente diante do espectáculo da criação e das magnificencias do mundo moral; deixa transparecer delicado gosto artistico em suas

predilecções pela forma e pela cor.

Pode-se considerar espontaneo na mulher cearense o sentimento da arte, do bello,--si attender-se à sua pequena industria, cujos productos encantam, pela delicadeza do acabado, pela originalidade do engenho, e revelão tendencias estheticas ainda não aproveitadas.

Numa nota interessante sobre o valor psychologico da maneira de escrever, ou antes, da calligraphia da mulher, Tobias Barretto diz que "a mulher a quem falta o senso artistico para o bello traçado de uma letra é dubitavel que o revele em outra qualquer coisa, e com a falta de senso artistico, em o sentido elevado da palavra, emparelha-se quasi sempre a falta de senso moral." Afigura-se-nos um tanto hyperbolico semelhante conceito do eminente critico.

O exame simplesmente da correcção ou irregularidade do desenho da letra da mulher não é criterio sufficiente para reconhecer nella uma physionomia intellectual e moral perfeitamente definida em certo sentido, assim como tambem o não é a loquacidade que, podendo parecer um indicio de inferioridade moral, é com certeza na mulher um dos seus mais reconhecidos caracteristicos. Observações proprias auctorisam-nos apensar assim quer em relação ao homem, quer à mulher.

Mas fechemos aqui este parenthesis.

No exercicio da caridade e da virtude a mulher cearense attingiu muita vez a essas culminações da perfectibilidade moral da humanidade. Si d'entre a media em que fazemos as nossas observações não surgiu ainda uma mulher que roubasse ao homem a luz de um talento extraordinario, como Rattazzi, ou usurpasse seus habitos varonis, como George Sand, muitas tem-se apresentado aureoladas pelo duplo e brilhante diadema do altruismo e do civismo, estancando a sede e suavizando a fome do emigrante azorragado pelas seccas ou influindo no movimento abolicionista provincial.

Numa phase de desventuras para o Ceará, em que as energias mais viris quebravam-se contra a rigidez da fatalidade cosmica, vibravam, com as tonalidades d'uma orchestração de crystaes, no ouvido do

pobre, umas notas harmonicas e enthusiaslicas, um canto electrizador da coragem abatida. Sahiam da alma da mulher aquelles sons. Com o coração a trasbordar de amor e labios que o traduziam pelos sorrisos, vinha ella vasar n'alma do desgraçado o tonico da esperança. Rememorar essa passagem tristonha e por vezes sulcada de luminosos raios de humanitarismo, é tentar na linguagem da poesia aljofrada de imagens scintillantes como alvas estalactites ao sol a pintura do quadro de desolação, que por momentos ameaçou partir a estreita solidariedade moral do povo cearense.

A bondade é a feição proeminente de seu character. Tem o segredo de saber soffrer e consolar.

Na *ménage*, na vida intima ou nas relações sociais os seus actos deixão transparecer muita affectuosidade, energia e dignidade. Não é raro viver a mulher cearense, resguardada na singeleza de seus sentimentos e aspirações, sem o amparo do homem, com os recursos de sua pequena industria, como quem anceia construir a felicidade propria com o trabalho.

Si outros characteres, que certamente não constituem o fundo da indole da mulher, avultam além dos que acabámos de salientar, é que elles são influenciados por circumstancias de momento.

Nem sempre volven ella a vista tão somente para a intimidade do lar: seu espirito, cuja vivacidade impressionavel toca muita vez as raias do enthusiasmo, pondo de parte o encanto indolente da vida do gynecéo, participou da magnanima manifestação de vitalidade do povo cearense no movimento abolicionista provincial.

A escravaria no Brazil tinha raizes seculares; resultado da politica parasita de Portugal, quando metrópole desta terra sul-americana.

Oliveira Martins dà-nos, com um traço luminoso, a caracteristica do systema colonial portuguez applicado ao Brazil. No livro *o Regimen das Riquezas*, escreve o publicista portuguez: "As levas de escravos egypcios fizeram os canaes e as drenagens do Nilo, os diques e atterros, os templos, agulhas e monumentos; nenhum braço egypcio se fatigou em taes obras, diz orgulhoso o chro-

nista; e da mesma forma nenhum braço portuguez tocava os engenhos de assucar nas roças de S. Thomé ou do Brazil."

Os governos portuguezes de então, oscillando entre os horrores inquisitoriaes do Santo-Officio e os caprichos asiaticos da realza e da aristocracia avelhentada e caricata, entenderão que só adviria proveito do Brazil laborando-o por escravos que extrahissem muito oiro das entranhas ferreis da terra americana e devastassem as mattas de pão-brazil.

Com essa hypertrophia de ganancia e não conseguindo escravisar o autochthona indomavel, lançaram os corsarios brancos ao continente negro.

Centenas de annos depois o Brazil tornou-se independente, por descuido dos dominadores transatlanticos e em proveito de um rebento dynastico, continuando vinculada ao tronco do vilipendio uma porção da alma americana: dous milhões de brasileiros ficaram a trabalhar, fustigados pelo ardor do sol tropical, amanhando o eito dos cannaviaes sem fim, semeando o cafeeiro no Sul, plantando nos alagados do Norte o arroz e por toda a parte humectando o solo da Patria com o sangue gottejado dos musculos sulcados pelo açoite cortante nas fazendas ou pelo *knout* judiciario.

Aquecida pelo fozo da palavra ardente de alguns patriotas despertou emfim a sensibilidade nacional e a idéa abolicionista fez a volta do paiz. Este sentimento novo percorreu todos os grãos de intensidade, cabendo ao povo cearense a primazia em tel-o transformado em brilhante realidade. A causa abolicionista foi aqui esposada com ardor e entusiasmo jámais experimentados, agitando a superficie do *marmorto* social-brazileiro em ondas mais violentas e alterosas que as do oceano que lambe a orla immensa deste trecho do continente americano.

Quando um talento superior ao serviço de um grande coração resolver-se a synthetisar o movimento libertador no Ceará, nesse dia começará a ser escripta a historia da civilização no Brazil

Ao advento da mulher cearense aos arraiaes do abolicionismo, se debandaram os ultimos *pavilhões negros* que disputavam a victoria aos revolucionarios do direito moderno, volatilisaram-se as derradeiras veleidades de resistencia. Sua palavra palpitante de amor pela humanidade, de par com os manifestos febris, impunha capitulação aos reaccionarios.

Joanna Hachette, prototypo do valor civico, Roland, uma das figuras mais fulgurantes da revolução franceza, Corday, Steil, modernos exemplos da mulher como elementos de

força e signal de triumpho de uma idéa social, não preenchem toda a pagina da historia consagrada ao registro do tributo feminino para a formação da civilização. As Maria Thomazia têm direito a um logar no concerto universal do progresso humano e podem tranquillizar compacerer perante o austero tribunal da Historia.

Foi esta a influencia salutar da mulher cearense no movimento abolicionista provincial.

Si não somos influenciado pelo pessimismo schopenhauereano criticando com cóleras *d'arrière-pensée*, toda calculada, o que é desta terra, não nos cega também o extremo optimismo de alguns poetas ingenuos q' pintam este paiz—uma região magica, cortada de rios gigantes, circundada de mattas sem termino, possuindo um céu de anil marchetado de palhetas de oiro.

Observamos, analysamos os factos à luz de um criterio philosophico-positivo que não permite desvios nem dá ensanchas a devaneios da imaginação poetica.

«O que se passa na evolução do individuo, preceitua Littré, é a origem do que se passa na evolução do ser colectivo.» Em sua trajetoria resplandecente o movimento libertador operou-se de perfeito accordo com o estado da mentalidade e do sentimento cearense. A mulher foi poderoso factor da abolição do regimen escravista na provincia, contribuiu para a genesis deste escorço de regeneração nacional.

Tem já contra si o atrazo de um quarto de seculo o conceito do illustre autor da Historia da civilização ingleza, vendo no Brazil todas as grandezas, exceto a do homem.

Sim. Si nesta vasta extensão do paiz ha um abatimento das energias, podemos affirmar a existencia, neste recanto do Norte, de um povo vigoroso, a que falta somente conveniente cultura intellectual para revelar o seu poder de iniciativa em todos os problemas politico-sociaes.

A mulher é a demonstração d'essa superioridade.

ABEL GARCIA.

A ética

(A I. MARTINS JUNIOR)

Ella costumava tomar leite todas as manhãs e dar um passeio curto.

Eu a via passar muito pallida, de uma fragilidade de vidro, vagarosa e offegante,

com aquelle ar indifferente e desolado das molestias chronicas, que sugam pausadamente, sorrateiramente a vida. Tinha o olhar languido, frio e saudoso das pessoas ex-haustas, perdidas, que se sentem desmoronar aos poucos.

Trazia sempre um *water-proof* azul, com um grande laço, que deixava apenas a barra do vestido de fóra, pondo grandes prégas de largura pela estreiteza ossuda e deformada das costas.

O pae, um velho magro, de physionomia agradavel e respeitosa, ainda erecto de robustez, brancorisado pelos annos, o ar de *gentleman*, dava-lhe com segurança o braço e a envolvia, muito carinhoso, em umas animações tão convencidas e tão consoladoras, verbalisadas á voz forte, que ella chegava a sentir, por momentos, alagar-lhe o coração uma onda de saude, d'envolta com aquellas palavras!

Achava-se até melhor, mais rija, n'aquella grande esperança que acompanha intimamente os tisticos, e vinham-lhe sorrisos rapidos, que lhe faziam contrahir levemente os labios desmaiados, deixando a descoberto a claridade alinhada dos dentes são; fitava o velho com alegria, com ternura: era a sua saude.

Mas, logo depois, o nervosismo, o hysterysmo fazia-a cahir 'numa nostalgia profunda, de todas as horas, 'num presentimento vago e fatal de tumulto proximo; e, então, chorava muito, e apparecia-lhe, com mais violencia, uma tósse secca e tilintante, acompanhada de ruidos soturnos na caverna do peito e borbotões quentes de sangue vivo.

Uma manhã, deixou de dar o seu passeio costumado.

O azul estava fresco e sciu-

tillante, alastrado de luz, cheio de aromas e cantos, cortado da alegria da terra.

O sol surgia claro e magnifico, confortador e bom.

Passei todo o dia com a imaginação cheia da lembrança d'ella, preocupado, temeroso, na incerteza do que lhe teria acontecido.

A tarde, um tropel de gente, no ruido discreto e pacato de uma rua provinciana, fez-me chegar apressadamente á janella.

Era ella, a triste e mimosa creatura que eu via passar todas as manhãs, e que partia agora para além, no seu estreito caixãozinho azul, e que nunca mais, nunca mais voltaria !..

VIRGILIO VARZEA.

Duas palavras sobre a psychologia ethnographica.

(Conclusão)

«As sciencias naturaes, diz Ribot, sahiram da historia natural. Por um processo analogo a historia do homem pode elevar-se á cathogoria de sciencia e o processo de transformação é nos dous casos o mesmo. A psychologia é para a historia o que a biologia é para a zoologia e a botanica.

As leis da biographia, isto é, do desenvolvimento dos espiritos individuaes devem se resolver na psychologia do espirito individual; do mesmo modo as leis da historia, que se pode chamar a biographia das nações, devem se resolver em uma psychologia comparada que constituiria a verdadeira sciencia da historia.»

Quaes são, porem, os elementos de que dispõe a eschola ethnographica para suas explorações? O direito, a moral, as religiões e sobretudo a linguistica. D'ahi a variedade extraordinaria de assumptos de que se occupam os sectarios da eschola ethnographica e o caracter vago e incerto de suas doutrinas.

E' assim que a *Anthropologia* de Waitz occupa-se do homem sob todos os pontos de vista possiveis, já nos seus caracteres phisicos, já nos seus caracteres moraes e religiosos e sob o ponto de vista exclusivamente social. Tambem o plano a que Waitz propoz-se, rigorosamente

fallando, abraçaria todas as sciencias humanas.

Lazarus e Steinthal tornaram mais claras as idéas da eschola e deram com mais precisão a entender suas vistas.

Todavia, nenhuma obra foi produzida que chegasse a resultados seguros, vindo isso talvez da grande quantidade de materias accumuladas e confusamente digeridas, abrangendo a historia, a religião, a philosophia, a litteratura, o direito, a moral, a linguistica etc. Nestas condições é incontestavel que ainda não se chegou a um resultado verdadeiramente preciso nessa ordem de estudos e o que tem sido feito até hoje não passa de simples promessa.

E' mister, todavia, abrir uma excepção para a linguistica. A disposição com que foi estudada a linguistica, que com razão passou a ser considerada como a fonte principal da psychologia ethnographica, muito concorreu para fazer entrar a linguagem no dominio das observações feitas em conformidade com as sciencias da natureza, ficando assim destruido, conforme o pensamento de Lange, o abysmo que separava as sciencias da natureza e as sciencias do espirito

«Desde então, accrescenta Lange, a linguistica fez admiraveis progressos em todas as direcções, e Steinthal principalmente esforçou-se por uma serie de escriptos importantes para fazer a luz sobre a essencia psychologica da linguagem, pondo assim um termo à confusão continua do pensamento logico com a formação das representações que se desenvolvem sob a influencia da linguagem.»

Voltando, porem, às idéas fundamentaes da eschola, a psychologia ethnographica transporta o espirito do individuo para a sociedade. Não é somente no individuo, dizem, que devemos estudar o espirito, mas tambem na sociedade; assim como existe um espirito individual, existe tambem um espirito colectivo. Os elementos psychicos de cada individuo constituem aquillo a que se dá propriamente o nome de alma; mas tambem os individuos por sua vez combinados e constituindo uma sociedade, dão lugar a uma certa actividade colectiva que não pode deixar de ser considerada como um phenomeno psychico, isto é: dão lugar a uma alma do povo. Essa alma do povo é que é o objecto da psychologia ethnographica.

Em verdade a sociedade dá nascimento a certos factos que sendo rigorosamente um producto da collectividade, nenhum esforço intellectual poderá totalmente incluir na cathogoria dos factos phisicos; taes são: o direito, a moral, a linguistica etc. Por mais que se torne geral a tendencia de explicar todos os phe-

nomenos da natureza em função da materia e do movimento, é impossivel deixar de reconhecer que na ordem moral existe sempre uma ultima parte a que não se pode applicar o conceito da força. A pretensão de Straus não pode, pois, ser considerada como a solução final dos problemas da sociedade; em vez d'isto deve ser tida como uma das mais brilhantes aberrações do espirito humano.

O canhão não é a ultima ratio dos povos; ao contrario, é o seu desaparecimento que deve ser considerado como uma das aspirações da humanidade.

Todavia, para explicação d'esses factos não ha necessidade de recorrer-se a um espirito objectivo como fazem os escriptores da eschola ethnographica. *Espirito objectivo* é uma expressão absurda e contradictoria. Espirito, si espirito existe é a face interna das cousas, a manifestação subjectiva da força. Não se pode admittir um espirito, isto é, uma substancia sem corpo, movendo-se no espaço ou em qualquer outra parte que possa imaginar o cerebro gasto dos metaphisicos supernaturalistas. No homem é o conjuncto das manifestações psychologicas, isto é, a face subjectiva do organismo. Querer d'ahi transportar o para fora do individuo affirm de concorrer como elemento para a constituição de uma outra natureza de espirito—o espirito objectivo, alma da sociedade, é transformar a natureza das cousas; e a sciencia não precisa de semelhantes recursos para explicação dos phenomenos psychologicos.

Quanto ao direito, a moral etc. devem ser considerados como productos psychicos. Pode-se distinguir no espirito humano duas cousas: os elementos e os productos.

Os elementos são a sensibilidade, a intelligencia, a vontade, isto é, os phenomenos psychicos que a sciencia deve estudar na organização individual.

Os productos são o direito, a moral, a linguistica e todos os demais factos produzidos pelo espirito humano já considerado isoladamente, já considerado na collectividade. Seria o melhor meio de fazer uma classificação geral dos phenomenos psychologicos e é talvez esta uma das aspirações da sciencia do futuro.

Passar, porem, d'ahi para o chamado *espirito objectivo* é simplesmente crear uma hypothese desnecessaria; e hypothese, por hypothese, prefereríamos um programma mais vasto. Diríamos: Não basta o *espirito objectivo*, não basta o espirito na sociedade; queremos uma cousa mais ampla, queremos o espirito na natureza.

R. FARIAS BRITO.

MESSALINA

(A J. OLYMPIO)

Vês aquella mulher? Tem no semblante
As frescas rosas de mentido gaudio.
Formosa como Aspasia deslumbrante,
Possue os crimes da mulher de Claudio.

Encantadora e mà! O seu sorriso
Tem veneno subtil que endoia e mata,
Nos promettem deleites do p'raiso
Os labios onde o goso se retrata.

Ai daquelle, porem, que no seu collo
Deitar a fronte em horas de delirio;
Marcarà com seu sangue o negro solo,
Terà no corpo as chagas do martyrio.

Não te deixes cahir na tentação!
Despresa o seu amor. Que importa a critica
D'outra doida mulher, a Opinião....
Sabes-lhe o nome? Chama-se... a Politica.

MARTINHO RODRIGUES.

OS QUINZE DIAS.

Os treze dias teria eu escripto, si não fosse o receio de tomar por epigraphe um numero fatal, condemnado pela credence popular, a boa e ingenua credence que encantou a infancia de todos nós.

O mez de fevereiro tem mais isso de original—os chronistas tem menos motivo ou pretexto para caceteações mais ou menos puxadas e os assignantes de jornaes e periodicos correm menos risco de ingerir pelos olhos o soporifero de uma resenha completa de 30 ou 31 dias, como lhes succede 11 vezes no anno, pelo menos.

Assumpto muito pouco chronicavel, o horroroso calor que nos tem assado nestes ultimos dias não pode deixar de ser mencionado aqui, salvo melhor juizo dos meus numerosos leitores, aos quaes em assembléa geral, submetto a duvida,

Si acham que, mesmo em signal de desgosto e desapprovação, devo deixar no fundo do tinteiro os desaforos de

fel que estou com vontade de atirar á cara desse monstro de 33.º centigrados (novinha do trinquê esta medida para monstros), nada direi a respeito.

Si, porém, entendem o contrario, é só exprimirem de qualquer modo sua muito respeitavel opinião e... não haverá tira de almaço que comporte as amabilidades que tenho engatilhadas aqui nos bicos da penna, para despejar sobre o tyrano que teima em reduzir-nos a torresmo, em vida.

Os optimistas que por toda parte os ha, sujeitos que vêem tudo côr de rosa, veem dizer-me, ficha de consolação, que um calor assim, cinzento, pesado, pertinaz, sem intermitencias, é passavante de grandes aguaceiros.

Não creio nisso, apesar de todo o desejo que tinha em poder jurar-o. Do telhado para cima só gato e Deus, dizia o meu professor de astronomia, ao que tenho o direito de acrescentar como discipulo aproveitado—e mattuto. Sim;

quando os problemas meteorologicos estiverem muito complicados e forem declarados insoluveis pela sciencia dos observatorios, appellem para a experiencia do sertanejo e tel-os-ão resolvidos ou desmanivados, como elles dizem pittorescamente.

Deus não se dignou ainda revellar o intuito encerrado nas profundezas de seus arcanos. Os gatos, si sabem o que está para succeder, conservam-se calados. Os mattutos tambem conservam-se calados, mas 'num silencio eloquente, pavorosamente expressivo: calam-se, mas emigram.

Terrifico prenuncio!

A vasante amarelleceu. Entristece e murcha a rama da pradaria. Some-se a limpha da varzea. O boi remoe, pensativo e desalentado, as ultimas raizes seccas do *mimoso* de janeiro, que o verão crestou e reduzio a pó. A secca pode não vir, mas os seus batedores ahi estão. E, em quanto deixa-se pendurado á forquilha do casebre a veste de couro do vaqueiro, vae-se alli aos seringaes de ao pé dos Andes garantir contra o aniquilamento pela fome esta vida curta e difficil que Deus nos deu.

E ahi tem os senhores porque me aterra esse prologo de emigração avultada e extemporanea.

Eis porque soa aos meus ouvidos como um canto lugubre de *dies iræ* a canção singella da despedida dos que se vão ao exilio.

Mas resta-nos ainda uma esperanza.

O mez de março ahi está cheio de promessas, não por ser dos doze irmãos o que traz no bojo o dia do solsticio de inverno, mas por ser o mez do nosso padroeiro, o glorioso

patriarcha, esposo da morena virgem mãe.

Temos, pois, diante de nós 19 dias de espera e só depois delles poderemos declarar em estado de secca a nossa muito perseguida e mal-aventurada provincia.

Quatro egrejas preparam-se para render no dito mez piedosas homenagens ao divino carpinteiro de Nazareth, por meio de novenas mais ou menos arrojadas.

Noto, entretanto, como que uma conspiração da igreja contra a indole da novena, o exercicio religioso de minha paixão, o unico de cuja pratica eu poderia esperar as glorias da bemaventurança.

E qual das minhas leitoras não será do meu parecer?

A novena, a primitiva novena, ás 7 horas da noite, por entre ondas de luz de cera dos altares, de stearina das illuminações festivas e de combinações pyrotechnicas dos fogos de artificio; a novena com um côro de moças a cantar angelicamente a ladainha e um bemdito bem rhimado e posto em musica alegremente tocante; com meninas de grinalda e faixa azul, ramos de flores e cantos archangelicos; com repiques alegres e girandolas estoirantes, comprehendo maravilhosamente.

Comprehendo, admiro e nego a Deus que dê muitos annos de vida a quem muita vez perdeu o appetite ao jantar, porque tinha de ir á noitinha ouvir-as devotamente alli á modesta capella de S. Bernardo ou sob as sombrias e pesadas arcadas da Sé.

As de agora, porem, perderam esse tic adoravel e fizeram-se de uma gravidade quasi lugubre. Resam-se pela manhã, entre uns escarros e tosses de resfriamentos e bo-

cejos de noites mal dormidas.

Não sei si novenas assim serão de mais effeito para o caso de mover o dedo da Providencia a desatarraxar as torneiras do céu. Fico pelas outras, as do tempo velho, cuja saudade tira-me o gosto de proseguir nesta chronica, escripta simplesmente para encher 3 1/2 columnas d *A Quinzena* que a preguiça dos collegas houve por bem deixar devolutas.

J. L.



O velho vovô

O trapiche estava no seu antigo posto de honra, suspenso por uma elevada estacada a cujos pés havia poços deixados pela maré, que se retrahira, e o oceano parecia magro, com os arrecifes á mostra, fugindo timoratamente, encolhido, medroso da terra. Uma interminavel faixa de areia molhada, brandamente concava, servia de guarda-pisa, entre o frouxel das ondas e o limiar da povoação. Em presença d'essa depressão geral do oceano, sentia-se a sensação de quem desce,—a falta de folego de uma vertigem.

Pausadamente, homens quasi-nús, de tanga e ceroula curta a guisa de calções, entravam pelo mar a dentro e abeiravam-se, com agua pelos peitos, dos lanchões que oscillavam apenas, carregados de mercadorias. O calor do sol unctava de suor a esses trabalhadores, de linda musculatura athletica, que suspendiam fardos, com admiravel precisão mekánica, e traziam-n'os para o secco. Outros, em movimento contrario, embarcavam algodão e café e couros, desempilhando altas montanhas de generos

accumuladas pela areia entre latadas de escaleres e esqueletos de lanchas velhas. Ao longese avistava o brancoveleamento das jangadas q' repousavam fóra do alcance das ondas. E por toda parte, como cerceando os dominios do velho trapiche, espalhavam-se massas complicadas de ferros, quaes membros esphacelados de um corpo gigantesco e bruto. Os navios ancorados, longe, lá estavam como abandonados no seio das aguas, apenas visitados por lanchões vagarosos. E de quando em vez, no deserto azul, passava a alvura imponente de uma jangada.

Recostado ao peitoril do galpão que serve de vestibulo á carcassa roxo-terra do velho trapiche, eu abysmava o olhar nesse panorama vivo de sol, de terra e de aguas. O firmamento era uma tela suspensa, que se encurvava, que se estirava pelos ignotos confins do poente, que se cosia, rumo do norte, no debrum longinquo do ceo com o mar. A cidade, montada sobre mansos oiteiros, onde outr'ora rastejaram o zéphiro e as ondas, parecia vir descendo para as areias brancas, seio amorenado pelo resfolegar da luz. Os tectos, como escudos de tartarugas, se agachavam ebriamente sob os tufos aéreos dos coqueiros, que dedilhavam uma harmonia vaga, impalpavel, com lusimentos quentes, e roçavam illusoriamente no azul que nos abafa com aquelle bojo infinito, que nos persegue por toda parte, ao campo, á rua, pelas frestas, e pelas nesgas que se entrevê de dentro mesmodas habitações; esse azul que nos enraiva, q' desafia o olhar ambicioso do artista para devastar o além d'essa casca terrivel que os antigos foram obriga-

dos a julgar solidamente brochada de estrellas, de lua e de sol.

Voavam nuvens, verdadeiros flocos de espuma, esparsas, macias que pareciam roçar nas nossas faces como cabellos finissimos de creança. Aquell: azul sublime entrava-me pelas narinas!

E finalmente o mar enchia. Aquelles rochedos negros que emergiam á altura do porto, iam ser abafados. O commercio não podia mais refrear o impeto da onda. Soava a hora do paralyramento. Ai d'aquelle que se arriscasse ao bruto! Os barquinhos e lanchas impavam afflictivamente. E só a jangada é que se aventurava a passar audaciosamente o rolo do mar.

Entretanto, o seio virgem das areias, era pela primeira vez mordido pelo dente da sciencia humana. O calmo inglez, fazia aquelle mesmo homem de tanga e ceroula a guisa de calção, baptisar a sua terra, pagã de industria; e a furia do mar batia-se tola-mente, como os heróes da guerra ante os obscuros mineiros e os profundos pensadores: Enterrava-se o primeiro pegão do viaducto, o primeira molecula d'aquelle gigante que estava esphacelado pela praia afóra

E a massa roxo-terra do velho trapiche balançava-se na maré cheia, como barco encalhado, ôco, apenas com os camarins de empregados e apetrechos de embarcações; o lampeão da vigia apagado, fumoso, com o azeite frio; a luz do dia entrando pelas gretas;—elle cahia aos pedaços, triste pela decepção, macambusio!—elle, o velho vovô, do tempo em que a minha avó dizia á minha innocencia de criança que os meninos vêm é do mar, quando eu lhe per-

guntava d'onde a gente nasce.

Amo tanto aquellas táboas, e aquellas ondas bravas de cujo turbilhão eu via a cada instante rebentar um nenemzinho!

OLIVEIRA PAIVA.

O padre Francisco Pinto

OU

A primeira catechese de indios

No Ceará

POR

PAULINO NOGUEIRA

(Continuação do n.º antecedente)

Ia-se-lhe agora abrir um theatro mais vasto e opulento ás suas insignes aptidões de famoso catechista.

Frustrada de todo a tentativa de Pedro ou Pero Coelho de Sousa, tão injustamente julgado pelos chronistas (7), de reconquistar por terra a ilha do Maranhão do poder dos francezes, a Gaspar de Souza, Governador de Pernambuco, depois de ouvir a Martim Soares Moreno, official experimentado e cordato d'aquella arriscada expedição, occorreu a feliz ideia de uma outra tentativa, mas por meio da catechese dos indios das mesmas paragens, por onde tinha andado Pero Coelho. sobretudo dos da Ibiapaba, justamente os que então mais difficuldades tinham offerecido.

Havia chegado a vez do Evangelho, que vem sempre a tempo e a proposito para mostrar quanto sem elle é insufficiente o esforço humano por maior que seja.

Proclamaes a justiça pela espada,
Trazendo hordas selvagens para a luz,
Mas a conquista só será guardada
Pelos braços da cruz!
Não a cruz dos flagícios que na praça

(7) Varnhagen (Visconde do Porto Seguro), *Hist. Ger. do Bras*; Tom. 1º, pag. 315.

Se ergue hedionda, mas sim esse madeiro
Aonde, para revelar a graça,
Deu a vida o Cordeiro. (8)

Abraçada graciosamente a ideia do Governador pelo Provincial da Companhia do Jesus, padre Simão Pinheiro (9), foram escolhidos para tão ardua missão os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira. Este, si bem q' ainda moço (28 annos de idade), sem conhecimento da lingua dos naturaes em q' veio a ser peritissimo, era todavia o mancebo a quem, por suas virtudes e serviços, estava reservada a palma do martyrio, como ao seu illustre companheiro, depois de haver fundado a Missão do Maranhão.

Nas *Instrucções*, que lhes foram entregues, recommendava-se-lhe «que, antes de passarem adiante, chegassem primeiro ao Ceará, onde tinha estado Martim Soares Moreno, para temperar os animos d'aquelles indios notavelmente azédos com os destemperos de Pedro Coelho; e, para melhor o fazerem, levassem tambem em sua companhia alguns dos que elle tinha amarrado no Ceará, assim tobajáras como tupinambás, vindos do Maranhão á Serra e da Serra ao

(8) Theophilo Braga, *Miragens Seculares*, pag. 127.

(9) O Padre José de Moraes, *Hist. cit.*, Cap. 3.º, diz que a esse tempo era Provincial da Ordem o padre Simão Pinheiro, segundo a "Carta Anua", que elle tem por verdadeira. Mas Araripe, "Historia do Ceará", pag. 82, e Catunda, "Estudos da Historia do Ceará", pag. 65, dão por Provincial o padre Fernão Cardin. Penso haver engano: a esse tempo o padre Cardin devia ser Reitor do Collegio da Bahia. Vide Fernão Cardin, "Indios do Brazil", Edição de João Capistrano de Abreu, Introdução, pag. 13, nota 1.ª

Diogo de Campos Moreno, *Jornada do Maranhão por ordem de S. Magestade feita no anno de 1614*, pr., dá a iniciativa desta segunda tentativa ao Provincial ou aos jesuitas; mas prefiro seguir neste ponto a opinião insuspeita e autorizada do padre José de Moraes.

injusto captivo dos Pernambucanos, que postos já em liberdade pelo Governador Gaspar de Souza, viviam contentes nas aldeas, e agora acompanhavam gostosos aos padres, para os encaminharem seguros a ilha do Maranhão, em cuja conquista, convidados do premio, queriam ter não pequena parte; praticando com os parentes, e inculcando aos seus mesmos naturaes as muitas e grandes conveniencias de que gosavam no poder e administração dos Missionarios, pelo bom tracto que debaixo do seu amparo experimentavam dos portuguezes, muito principalmente do Governador, que bem o tinha mostrado no exemplar castigo, que tinha dado a Pedro Coelho, como autor principal dos seus maiores agravos.» (10)

A' custa do Real Erario apenas traziam miudezas, misangas e alguma ferramenta, etc., indispensaveis para mimozarem aos indios e agrada-los.

A 20 de Janeiro de 1607 (11), dia de S. Sebastião, os dons missionarios partiram do Recife ao seu destino em um barco que ia carregar nas sal-

(10) Padre José de Moraes, Hist. e log. cit.

(11) Varnhagen, Hist. e log. cit., e Candido Mendes, "Memorias" cit., pag. 456, nota 2.ª, dão esta data; mas o Sr. Catunda, obr. e log. cit., a dá em Junho. Talvez seja erro typographico; pois tambem o Sr. J. Brígido no seu "Res. Chron. da Hist. do Ceará", pag. 4, dá a partida a 11 de Janeiro, como tambem Araripe; mas no seu "Res. da Hist. do Ceará", pag. 12, já a dá a 20 de Janeiro. Em carta de 23 de Maio de 1884 o Sr. J. Capistrano de Abreu disse-me obsequiosamente que ia publicar na *Gazeta Litteraria*, da Corte, a Carta do Capitão-mor Alexandre de Moura, fixando o dia da partida dos padres; mas deixou de prestar mais este importante serviço à historia da Provincia, com consequencia de ter cessado sua publicação aquella interessante *Gazeta*.

nas do Mossoró (12). Completavam a comitiva 40 indios, todos *petiguares* (13) do Rio Grande do Norte, *tobajáras* (14) da serra da Ibiapaba e *tupynambás* (15) do Maranhão, dos que haviam sido captivados, na conformidade das *Instrucções* citadas.

O primeiro ponto, em que tocaram, foi a fortaleza do Rio Grande do Norte. Recebeu-os com respeitosa affabilidade o commandante Jeronymo de Albuquerque, pasmo de vellos atirarem-se á tão arrojada

(12) O padre José de Moraes e Araripe, Hist. cit. dão *Jaguaribe* em vez de *Mossoró*, mas por engano, como se deprehende da propria narração de ambos. O major João Brígido no seu "Res. Chron." falla tambem em *Jaguaribe*; no seu "Res. da Hist.", porem rectifica o engano.

(13) Outros escrevem *potiguarés*, *potiguáras*, *putyguarés*, *petignares* ou *pitagoares*: são uma e mesma casta de indios, que habitavam desde Pernambuco até Piauí, e ainda alem, como querem alguns. Abreu e Lima, "Sinopsis Chronologica da Historia do Brazil", pag. 52, nota 1.ª Quer dizer—senhor do fumo ou tabaco.

(14) Escreve-se geralmente *tabajáras*—senhores da aldeia; mas a verdadeira orthographia é—*tobajáras*, litteralmente—senhores do rusto, e livremente senhores do littoral ou fronteiras. E' esta a dos padres Simão de Vasconcellos, José de Moraes e Antonio Vieira, o maior mestre da lingua. Gonçalves Dias, que em nota aos seus "Cantos" escreve—*tabajáras*, no seu "Dic. Tupy" no seu "Brazil e Oceania", pag. 14, passou a escrever—*tobajáras*, mas com a significação de *cunhados*, no que não lhe posso achar razão.

O Sr. Catunda escreve *tabajáras* contra os preceitos e indole da lingua, que não admite consoante dobrada, nem mesmo o—s—, que corresponde ao ç, e não se usa, porque a lingua em geral repelle o sibillo que lhe é proprio. O—r—não só tambem não se dobra, como tem sempre o som brando, como em *querer*, quasi confundindo-se com o do—l. Vide Couto Magalhães, "O Selvagem", Parte 1.ª, pag. 1.ª e 14, Faria, "Compendio da Lingua Brazílica", pag. 2, e outros.

(15) E' uma das palavras indigenas de mais difficil interpretação. Provam-no as que deu Baptista Caetano, a maior autoridade dos nossos tempos. Nos "Ensaio de Sciencia", Tom. 1.º, pag. 14, Tom. 2.º, pag. 7:—gente da terra. No "Vocabulario

empreza totalmente desajudados da força publica, e, mais ainda, de ouvir-os recusar qualquer auxilio official, sob o pretexto de que, indo entregues á Providencia, seria menos credito de sua fé confiarem mais nas forças humanas do que na assistencia divina! As suas unicas armas eram seus bordões, e soldados os indios, que lhes promettiam levar-os ás invias terras e aldeas dos seus conterraneos!

Da fortaleza seguiram para Mossoró, onde desembarcaram, procurando pela costa, para refrigerarem mais com o vento os ardores do sol, o mesmo caminho, por onde Pero Coelho viéra ao Ceará.

Caminhavam os padres á pé, diz o padre José de Moraes, sem mais victualhas que o altar portatil, que levavam dous indios, algum vinho, hostias, cêra e uma pouca de farinha de páu, usual sustento da terra, repartida pelas mochillas dos companheiros; sem mais outra vianda do que peixe e caranguejos, que a deligencia dos indios encontrava por aquellas praias. Usavam de umas roupetas curtas para lhes ficarem mais desembaraçados os passos; umas escallavinas de couro, como as

das Palavras Guarany's", pag. 30, 540, 545 e 546:—o que está firme na terra, o esforçado da terra, corrupção de *ibi* terra, e *ambae* o que está firme, donde—*tubib* chefe dos paes, cacique, e *abá* varão, *tupinambá* gente dos chefes dos paes; pode tambem provir de *tubibi-yarabae* ou *tubibi-yang-bae* os descendentes dos primeiros paes ou primeiro pa; ou de algum composto de *tupe* em casa, ou de *tupi-i-ambae* no interior da casa, os que estão quiétos. Finalmente nas Notas aos "Indios do Brazil" do Cardin, Edic. cit., pag. 119:—pode ser *tub-yba-i-mbya* e a posposição--i--que rege *tubyba*, tambem pode ser--*ri*, que por euphonia pode tornar-se--*ni*, e deste modo *tub-yba-ni-mbya*, que quer dizer--a gente atinente ou adherente ao chefe dos paes, ou aos chefes principaes.

que trazem os romeiros de S. Thiago, um bordão na mão e um Santo-Christo no peito; mas, porque os charcos, pedras e lodos por onde precisamente haviam de passar eram muitos, consumidos logo nos primeiros dias os sapatos, se viram obrigados a caminharem descalços (16)

Onde lhes anoutecia ahi era a sua estalagem, sem mais abrigo que os que lhes davam o céu e o sereno, a que de ordinario ficavam expostos, quando não tinham arvores ou matos onde armassem as redes; porque então dormiam no chão em cima da areia, em que muitas vezes acordavam sepultados pela grande quantidade, que de uma para outra parte levantavam os fortissimos ventos da costa. Entretanto caminhavam alegres e satisfeitos, como se fossem divertir-se em alguma festa! Esta angelica disposição de espirito faz recordar a de Ladisláu Miceno, no meio das maiores vexações, cantando para o seu amigo conde da Moravia:—

Si de Deus é que nasce todo bem
A alegria que tenho donde vem? (17)

Até que afinal chegaram ao lugar que Soares Moreno havia abandonado. Este lugar é a actual cidade da Fortaleza. (18)

Foram estes os primeiros sacerdotes, que pisaram o solo cearense, graças a Deus, tão dignos ministros de Christo que de si guarda a tradição, embora pouco divulgada, mas

(16) Entretanto Varnhagen, obr. e log. cit., diz que eram carregados pelos indios em redes e tipoiás! O Sr. Catunda, repete a mesma versão! Araripe diz com José de Moraes que "caminhavam a pé."

(17) Padre Theodoro de Almeida, "Miceno ou o Feliz Independente do Mundo e da Fortuna".

(18) Padre José de Moraes, Hist. cit. Cap. 4, e Araripe, idem, pag. 82.

não contestada, a mais veneranda memoria, que as palmas do martyrio acabaram de sanctificar. A terra, onde ainda não haviam amanehecido as luzes do Evangelho, precisava de ser regada por sangue tão precioso para poder brotar os fructos sazonados, que ainda hoje colhemos e saboreamos com fervor religioso.

Ahi (19) encontraram-se com o Cacique (20) ou Principal *Amanay* (21) que, como Jeronymo de Albuquerque, acolheu-os com toda affabilidade e confiança, condignas do seu gentilismo, admirado de vel-os tão humildes e penitentes nos habitos, contentes nos semblantes, armados apenas com seus bordões e acompanhados tão somente dos seus conterraneos, muitos d'elles parentes e amigos. (22)

Levou-os logo para sua cabana, onde fez reunir todos os outros Principaes, conforme os seus usos e costumes (23), como hoje por modos diversos praticamos com os nos-

(19) O major J. Brigido, "Res. da Hist.", pag. 12, diz que esse encontro foi no Mucuripe; mas não é isto o que dizem o Padre José de Moraes e Araripe, como se pode ver nas suas obras e logares citados. O encontro deu-se precisamente no sitio abandonado por Soares Moreno, e que é a actual Fortaleza.

(20) Quer dizer--o que governa a todos; palavra composta de *car* obrigar, compellir, governar, e *cic* todos.

(21) Quer dizer Algodão, nome, por que este Principal é chamado em varias chronicas. O major J. Brigido o dá da nação *tapuya* quando era um dos chefes *petiguares*, nação topica. Assim o dizem o Padre José de Moraes, Candido Mendes e Araripe.

(22) O major J. Brigido diz que da comitiva tambem faziam parte portuguezes; mas não encontrei isto em chronista algum. Todos fallam somente em 40 indios, menos Beauchamp, que falla em 75, sem fundamento algum.

(23) Eis como Durão descreve a recepção de Diogo Alvares Corrêa, o *Caramuru*, pelo Cacique Cupeva:

... sos hospedes illustres, a quem queremos significar toda nossa consideração e estima; apresentou-os como se fossem os mesmos *Abinas* (24), de quem fallaram seus antepassados da Bahia, isto é, os Nobregas, Anchieta e outros, bemfeitores de sua nação.

No lugar da cabana, em que descança
Menos da gente e multidão confusa,
Põe-lhe a rede Cupeva, que o convida
De rica e molle pluma entre tecida.

Mas eis que um grande numero o rodeia
De implumados, feissimos selvagens:
Ouve-se a casa de clamores cheia,
Por ter visto as horrificas passagens,
Mas—(mair ma apadú, de longe explicam
E—(bem vindo o estrangeiro) significam.

CARAMURU', Cant. 2, Est. 69 e 70.

Apreciando esta formula do epico brasileiro, diz Baptista Caetano:—
"Mair ma apadú não parecem significar--é bemvindo o estrangeiro--literalmente por mais que se torçam as lettras. Ao meu ver pode-se interpretar o trecho acima de dous modos, respeitando a lei da troca dos sons --mair ma, apè tú, o estrangeiro oh ahi vem ou veio. A troca de um a surdo por e é facilissima, e as explosivas dentaes--t e d--em todas as linguas trocam-se frequentemente. A segunda interpretação de phrase requer contracção de sons --mae-ra-má-ependú? Para que fim viestes vós, a que cousa tendes vindo." C. Mendes, "Notas para a Hist. Patria", na "Rev. do Inst. Hist.", 1878, pag. 89, nota 24. Neste mesmo lugar C. Mendes addita o seguinte:--"Em lugar de--mair ma apadú, de Durão, talvez seja--mair cubè catú, modo por que as boas vindas eram geralmente expressadas pelos indigenas." Outros dão cerimonia mais ou menos differente na recepção do hospede, como se pode ver em Claudio de Abbeville, "Hist. da Miss. dos Capuchinhos na Ilha do Maranhão", Cap. 15, pag. 99, João de Lery, "Hist. de uma viagem ao Brazil", pag. 286 e Ives d'Evreux, "Viagem ao Norte do Brazil durante os annos de 1613 e 1614", Cap. 50.

(24) Nome por que os indigenas conheciam os jesuitas, e que quer dizer--vestido preto, corruptella de ob vestido e una preto. Aos padres de S. Antonio chamavam *Tucura-gafanhoto*, pela semelhança do capuz destes frades com o gafanhoto. Vide G. Dias, Dic. Tupy, verbo *Pay*.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO: JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 5

FORTALEZA, 15 DE MARÇO DE 1887.

SUMMARIO

Ortgem da palavra Ceará—J. CAPISTRANO DE ABREU.

Inania regia...—V. BRIGIDO;

O padre Francisco Pinto ou a primeira catechése de infios no Ceará—PAULINO NOGUEIRA.

Planos futuros—MARTINHO RODRIGUES;

Ignéz—VIRGILIO VAZEA;

A carta—J. OLYMPIO;

Da Corte—Mario;

A mulher na familia—F. CLOTILDE B. LIMA.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	28000
Semestre	48000
Anno	88000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	58000
Anno	108000

ADMINISTRAÇÃO

Bua do Major Facundo 36

ORIGEM DA PALAVRA CEARA'

RESPOSTA AO DR. PAULINO NOGUEIRA

Noticiando pela *Gazeta de Noticias*, o apparecimento do interessante livro do Sr. Cautunda relativo á historia do Ceará, alludi incidentalmente á origem deste nome veneravel. O que disse em summa foi: 1.º que as explicações dadas até agora são tão contradictorias entre si que, 2.º, seria talvez conveniente sahir

da lingua geral e procurar luzes entre as chamadas linguas tapuyas. E como em nossa provincia dominaram os Cariris, disse, 3.º, que em Cariri o nome de agua é dzu (com o d pouco sensivel e o u soando a franceza, approximadamente como o participio passado do verbo *savoir*), e que este elemento é visivel na formação de Siará, Sitiá, Siupé.

Isto que abi fica foi dito em poucas palavras, a cavallo e di galoppo, na expressão de *l'Italia*, e nunca julguei que tomassem-no por mais que uma suggestão. Entretanto meu illustre patricio Dr. Paulino Nogueira apanhou-o e deu-lhe as honras de uma refutação em regra.

Começa meu illustrado contendor dizendo que Siupé é tupi e Sitiá portuguez. Concedo-lhe a primeira parte, si quizer; mas contesto categoricamente a segunda. Em primeiro logar onde a tradição a que se refere S. Exc. de que nas cabeças do Sitiá iam sitiar malfeitores? Que fariam estes malfeitores em logares então despovoados? Como um infinito poderia aproveitar-se para uma designação local? Nós temos *Rodeador*, *Bebedouro etc.*; mas onde ha *Rodear* e *Beber*? A tradição pode existir, não contesto; mas estas tradições etymologicas geralmente nem um valor possuem. Na Inglaterra ha um logar chamado *Shotover* e o povo perdia-se em explicações sobre a cousa por

cima da qual se *atirava*. Só mais tarde um antiquario, deixando tradições e fundando-se em documentos, mostrou que a origem da palavra é *Chateau Vert*.

Admittamos que houvesse realmente os taes sitios; o nome seria provavelmente Sítio ou Sitiadouro, ou melhor Cerco, por que sitiar no sentido de assediar não é palavra que me conste seja popular em nossa provincia.

Mas estou lisonjeado de tal modo com a refutação do Sr. Dr. Paulino Nogueira q', si quizer, ceder-lhe-ei tambem a palavra Sitiá; passarei, pois, a outras provincias em que tão bem dominaram os Cariris. No Rio Grande do Norte ha o rio Siridò; em Pernambuco ha o rio Sibiró; não é visivel em ambos os casos o elemento *dzu*?

Passando agora ao fundo da questão, vejamos os argumentos do illustrado investigador cearense.

Si bem os entendo, são em summa:

1.º que os Cariris eram povos do certão, e repugna que por sua lingua fosse designado um ponto do littoral;

2.º que no mappa de Pero Coelho existe em vez de Ceará Pirangy;

3.º que Candido Mendes deixou provado que o nome de Ceará foi imposto por Pero Coelho e seus companheiros Potiguares: é portanto tupi.

Agora a resposta.

1.º E' exacto que os Cari-

ris, povoavam o interior do Brazil; mas Gabriel Soares, Anchieta, Cardim e tantos outros escriptores que S. Exc. conhece melhor do que eu, são accordes em um ponto: os primeiros habitantes do littoral eram Tapuyos que foram aos poucos rechaçados para o interior. *Muitos nomes de beira-mar ainda hoje são na sua lingua*, diz-nos Anchieta. Ainda ha poucos dias dizia-me o illustrado Dr. A. J. Macedo Soares, que agora é um dos melhores conhecedores da lingua geral: « ha certos nomes da costa do Cabo Frio que não se pode explicar pelo tupi, ex. Macahé: com certeza é palavra goitacaz ».

Que os Cariris eram originariamente povoadores do littoral prova-se directamente. E' seu costume todos os annos, diz-nos o interprete hollandez Elias Eeckman, virem para o littoral comer cajú, por que esta arvore cresce pouco para o certão. Pergunto agora: si elles fossem originarios do certão, como é que poderiam ter tomado tanto gosto por uma fructa que lá não existia? Não é claro que tal predilecção devia originar-se no lugar em que ella podia satisfazer-se?

Diz S. Exc. que os nomes do Ceará são tupis, como Jaguaribe etc. E' possível; mas selo-o-ão egualmente Cocó, Caxitoré, Muxinató, Cachocó?

2. Examinei com todo o cuidado o mappa de Pero Coelho (segundo Candido Mendes), de que existe copia no Instituto Historico, e ahi encontro o forte de S. Tiago e para o *Sul*, do lado direito, com todas as letras o nome *Siara* junto a um rio. A cousa é tão clara que não sei como Candido Mendes não a enxergou, dando assim aso a uma

inexactidão que tem sido e ha de ser muitas vezes repetida.

Ha sem duvida o nome de Pirangy, mas ao *norte* do forte de S. Tiago. Dei-me ao trabalho de medir a distancia pela escala, e é de 15 leguas. Como pode haver confusão entre dois pontos tão distantes?

O rio Pirangy fica a meio caminho entre o rio Siara e o Siupé. Por conseguinte é diferente d'aquelle e só pode ser o Cahype.

3. Reli com attenção os argumentos de Candido Mendes que, segundo o Dr. Paulino Nogueira, provam que o nome de Ceará foi dado pelos companheiros de Pero Coelho. Tenho pena de dizer que não me convenceram.

Para não entrar em grande desenvolvimento direi apenas: si, como quer o erudito maranhense, foi Pero Coelho quem poz o nome de Ceará, como é que, segundo o mesmo autor, não figura tal nome no mappa de Pero Coelho?

Continuo, pois, a pensar que Siará era o nome de um rio; que fundando-se uma fortaleza junto a suas margens, se foi chamando fortaleza do Ceará; e que este nome com o tempo se foi estendendo á capitania. O mesmo se deu em Pernambuco, em Alagoas, etc. Os indigenas não tinham termo para designar vastas extensões territoriaes. Por isso qualquer ponto em que os Portuguezes primeiro se estabeleciam é que dava o nome a toda capitania.

Devia dizer agora algumas palavras sobre a etymologia proposta pelo Sr. Dr. Paulino Nogueira, mas falta-me tempo e competencia.

Farei apenas duas considerações: as palavras de uma lingua se transformam segundo leis regulares; por con-

seguinte *Soó*, não pode dar ao mesmo tempo *Siará* e *Siupé*.

Segunda consideração: é exquisito que chamasse attenção especial no Ceará a caça que hoje é tão insignificante e que naturalmente foi-o sempre, a vista da irregularidade das estações em nossa provincia.

Por estes motivos, julgo que é no Cariry que se deve procurar a etymologia da palavra Ceará. *Dzu* já sabemos, é rio; *era* é, verde.

Não será esta a verdadeira significação: Rio Verde?

Rio, 19 de fevereiro de 87.

J. CAPRISTANO DE ABREU.

Inania regia...

Bravos de Massouah, si um véo de ardente sangue,
Que da heroica ferida ao rosto vos escorre,
Vos obriga a pender essa cabeça exangue
Essa cabeça audaz, que pela patria morre,

Sois felizes comtudo! E' doce uma agonia
A que patricia mão acaricia e affaga...

Desta, que pensa agora a vossa rubra chaga,
Na fronte branca outr'ora a cróa um sulco abria!

Não saberá talvez deitar uma compressa,
Ligar da cutilada essa reborda espessa,
A dor acalantar das noites más, febris...

Isto que vos importa, heróes de Massouah,
Si o vosso corpo, exangue e mutilado, está
Entre as patricias mãos da grande Imperatriz?...
V. BRIGIDO.

O padre Francisco Pinto

OU

A primeira catechese de indios

No Ceará

POR

PAULINO NOGUEIRA

(Continuação do n. antecedente)

Aproveitando o ensejo, dirigiu o padre Pinto a palavra a tão brilhante auditorio, onde se achava o que havia de mais distincto entre aquellos selvagens. Com a costumada eloquencia e pericia fallou-lhes da

sua santa missão, toda de verdade e amor, principalmente em proveito dos índios, a quem queria instruir na fé da religião de Jesus Christo, para salvar-lhes a alma e garantir-lhes a paz e tranquillidade em suas terras, vivendo em amizade com os colonos, de quem receberiam ferramentas para sua lavoura, panno para se vestirem e não andarem nus como as feras nos matos, e outros muitos interesses, que o tempo e a experiencia lhes mostrariam.

Fallou-lhes igualmente do quanto elles haviam soffrido da primeira expedição, pelo que era muito natural que estivessem profundamente resentidos; mas que por taes violencias só podiam ser responsaveis os proprios autores, que aliás já haviam sido seriamente punidos, do que poderiam dar testemunho seus parentes e amigos presentes, assim como do bom tratamento que receberam dos colonos, especialmente do Governador, em Pernambuco, onde todos, fléis vassallos de El-Rei, só nutriam o desejo de fazel-os seus amigos sinceros e não escravos. Concluiu a oração, convidando-os a se aldêarem no proprio interesse, deixando a vida nomada e bellicosa que levavam em liberdade quasi bestial, sem nenhum outro resultado que fazel-os fracos e desgraçados, quando era vontade do seu soberano que fossem poderosos e felizes em paz e concordia com seus subditos.

Era a mesma linguagem sincera e eloquente, que mais de um seculo depois Bazilio da Gama repetia no seu poema *Uruguay* :

Fez-vos livres o céo; mas se o ser
(livres)
Era viver errantes e despertos.
Sem companheiros, sem amigos,
(sempre)
Com as armas na mão em dura guerra,
(ra,
Ter por justiça a força e pelos bos-
(ques)
Viver do acaso, eu julgo q' inda fora
Melhor a escravidão q' a liberdade:
Mas nem a escravidão nem a miseria
Quer o benigno Rei q' o fructo seja
Da sua protecção.

Por fim distribuiu por todos —mimos consistentes em facas, foices, machados, thezouras, espelhos, misangas, miudezas e algum vestuario, afim de inculcar-lhes mais confiança e provocar-lhes amizade; pois já Homero dizia que os presentes agradavam aos proprios deuses.

A chuva copiosa não podia penetrar mais no seio da terra bruta do que as palavras ungidas de fé e doçura do orador sagrado no intimo d'aquellas almas de selvagens. Tudo no missionario os impressionára agradavelmente, desde seus gestos, porte, voz, maneiras e tracto, até suas vestes humildes; porem

mais do que tudo o ouvirem-no falar perfeitamente seu idioma! Por outro lado os índios, companheiros de viagem, com a maior insuspeição e competencia, confirmavam todas as proposições proferidas, exaltando as virtudes do padre, bem como a bondade dos portuguezes; e assim, como se tinha previsto, concorreram poderosamente para concluir-se do modo mais seguro, breve, duradouro e pacifico a obra da catechése n'aquellas paragens.

Nenhum dos Principaes poz a minima duvida em abraçar desde logo o catholicismo, vendo-o tão bem representado por esses *abaetés* (25). Todos despozeram-se a mudarem-se de suas tabas (26) com todas suas malocas (27) e tejupares (28) para aldêas apropriadas, sob a direcção dos padres.

Ahi mesmo levantaram-se uma capella e cruces; e a população aborigene foi destrebuida convenientemente pela aldêa, que tomou o nome de Cearà (29), substituido mais tarde pelo de Fortaleza (30), capital da Capitania.

A pequena distancia foram igualmente estabelecidas as aldêas ou missões da *Porangaba* (31), da *Pau-*

(25) *Abaeté* significa—varão illustre; de *abá* varão, homem, e *eté* superlativo das cousas incorporeas ou invisiveis boas.

(26) Quer dizer—aldêa natal, contracção de *tama* patria e *aba*, desinencia que indica o lugar onde.

(27) Significa casa de gente, corruptella de *moró* gente e *ôca* casa. Eram as melhores casas da taba. Depois, perdida a significação primitiva, deram-lhe a de multidão e até de aldêa.

(28) Corruptella de *teyi* gentalha e *upah* morada: casa da ralé, como as nossas casas de palha

(29) Refiro-me à etymologia que dei no 2.º numero desta *Quinzena*.

(30) Este nome é moderno, proveio da importancia adquirida pela Fortaleza, que fez esquecer o antigo, que aliás passou à toda Capitania e à Provincia. Vide C. Mendes, Mem. cit. Introd., pag. 15, not. 1.ª

(31) Quer dizer—belleza. Pompêo escreve—*parangaba* e dà-lhe a mesma significação; mas Candido Mendes, com a mesma orthographia, dà-lhe a significação de—padrinho, allusão ao padre Luiz Figueira; porem sem fundamento, como elle reconhece depois. O governador Barba Alardo, na sua «Memoria sobre a Capitania do Cearà», publicada na «Revistado Inst. Hist.» de 1871, pag. 262, dà-lhe uma significação não menos inaceitavel: «Aqua que se parece com cunhã bonita.» Apenas é o nome de uma cunhã bonita, que deu-o à lagoa deste sitio, e mais tarde a um poemeto de Juvenal Galeno. A aldêa passou depois à villa

pina (32) e da *Caucúia* (33).

e freguesia com a denominação de Arronches, cantada por Camões nos seus «Lusiadas», Cant. 3, Est. 55, e Cant. 8, Est. 19.

(32) Parece que Pompêo, «Dic. Top.», verbo *Mecejana*, e «Ens. Est.» Tom. 2.º, pag. 273, faz provir este nome da tribu *paupina*, que alli se aldêou; mas a tribu que primeiro povôou essa aldêa, já tendo esta o mesmo nome, foi a dos petiguães, como assevera Candido Mendes, Mem. cit., pag. 467, not. 2.ª Neste mesmo lugar o erudito maranhense diz que *paupina* é corruptella de *Pai-Pina*, nome por que os índios conheciam o padre Pinto, cujos ossos foram ahi sepultados. Mas, que esta origem não é a verdadeira é o proprio auctor que o declara, como veremos ao diante em nota a este mesmo trabalho. Qual então a verdadeira? Na sua Mem. cit., pag. 263, o governador Barba Alardo escreve—*Pará-pão-pinna*, e traduz por—*lagoa grande redonda com páos lisos em roda*; o que é de todo ponto inaceitavel; pois, alem do mais, a *lagoa Paupina*, insignificante como é e a chama Pompêo no seu Dic. Top., não podia merecer dos índios o incabivel qualificativo de *pará* mar etc. Mas o nome *Pará-pão-pinna* faz reportar à primitiva orthographia e origem, que devem ser *paracáu* pagão e *piná* listrado ao comprido e, por ampliação, pintado ou contrafeito, talvez nome de algum cacique, que deu-o à lagoa, como a cunhã *Porangaba* deu o seu à outra lagoa da aldêa vizinha. No dominio colonial--paracáu corrompeu-se em--*parapão*, mudado o--c--em--p--, por mais euphónico ao ouvido civilisado; e, por fim, cahidas as syllabas primordiales--*pará*,-- ficou a ultima formando com o nome seguinte--*paupina*, dicção a portuguezada, euphonica e abreviada, conforme o uso dos colonos. Tambem muito natural é a mudança de *piná* *parapina*, nome portuguez e appellido de uma familia fidalga de linhagem, de Montemor, em Portugal, celebre por esse tempo pela famosa guerra que soffreu dos Jesuitas (Vide Camillo Castello Branco, Visconde de Corrêa Botelho, «Narcoticos», pag. 292 e seguinte). Era commum o uso dos colonos de a portuguezarem, abreviando, os nomes indigenas. E' assim que a parte das vizinhanças de Belém, no Pará, denominada--*Campina*, traz por origem *Capira* ou *Karipira*, nome de um chefe indigena que alli residiu (C. Mendes, «Notas para a Hist. Patr.» cit., pag. 26, not. 18). E' ainda assim que de «*jaguar tyryc*» onça de evitar ou de fugir (que é a preta, a que se deve evitar ou de que se deve fugir, por ser a mais terrivel), fez-se tigre (corruptella de *tyryc*), com queda do nome primordial--*jaguar*; de modo que

Tudo marchava em geral contentamento dos naturaes e não inenos dos padres, que na conversão e felicidade desses selvagens punham o maior empenho e satisfação.

Mas, perfeitamente encaminhadas as cousas, em poucos dias, era-lhes forçoso proseguir na viagem para a Ibiapaba. Aos indios não podia ser dada peor noticia. Todos os esforços invidaram para que se demorassem; mas tristes e chorosos tiveram de ceder depois de terem a certeza de que os padres voltariam o mais breve possível.

E' nos aborigenes um dos sentimentos mais profundos e sinceros o da amisade. Uma vez formado o laço torna-se indissolúvel a aliança, e resiste à desgraça assim como à prosperidade. Torna-se duplice cada homem, e vive com duas almas. Si um dos dous amigos perece, o outro não tarda a desaparecer tambem (34).

Partiram os missionarios tambem pézarosos de se separarem de tão bons amigos, a quem já amavam por affectos reciprocos com ternura de paes espirituaes. Acompanhavam-nos apenas alguns tobajãras, tupynambãs e um petiguar, que não os quiz por forma alguma deixar.

Seguiram pela costa até à enseada de Parnamirim (35), onde, fatiga-

a onça preta ficou sendo conhecida simplesmente por tigre, animal que não existe no Brazil. (Emmanuel Liais, "Climats, Geologie, Faune et Geographie Botanique du Brésil", pag. 458.) Em nomes portuguezes tambem as abreviaturas não são menos frequentes. Por exemplo: de enchiquerador, do verbo enchiquerar, fez-se chiquerador, com queda da primeira syllaba; e de kilogramma tambem já se fez kilo com queda das duas ultimas. — Passou depois Paupina à villa e freguesia com a denominação de Mecejana, nome de um lugar limite de Portugal com a Hespanha. José de Alencar, na sua "Iracema" escreve Mocejana, e C. Mendes nas suas "Memorias" diz que o certo é--Messejana; mas a orthographia official, consagrada pelo uso, é Mecejana.

(33) Quer dizer--matto queimado, de *cáa* matto e *cáia* queimado; ou mais livremente--he. u queimado está o matto, como traduz Barba Alardo na sua Mem. cit., pag. 262. A traducção de C. Mendes, Mem. cit.--Vinho queimado, talvez aguardente—não é acceitavel; pois em todos os dictionarios da lingua---aguardente é *cauin-tatá* vinho-fogo. Accresce que a aguardente só foi conhecida dos indios depois da colonisação, antes muito da qual já existia *Caucaia*.

(34) Visconde de Chateaubriand, "Natchez", pag.

(35) Contracção de paranà rio e mirim pequeno: rio pequeno. Mas

dos, tiveram de descançar para recobrar em forças, pois d'ahi em diante começava para elles a mais penosa das viagens.

D'ahi tomaram o rumo do sertão, que tambem registra o martyrologio desses santos varões. O padre Pinto, já velho, ia carregado pelos indios em *tipoiá* (36). *Erat autem senex, et Dominus in cunctis benedixerit ei.* O padre Figueira, muito moço, caminhava a pé.

Começava por esse tempo o inverno com rigor. Si tinham agua em abundancia, faltava-lhes muitas vezes fogo para se aquecerem quando molhados; porque os indios não encontravam pau sufficientemente secco para tirarem-no com o atrito em outro pau, conforme o uso dos naturaes (37). Assim, sem roupa

em geral é o canal do rio grande que fica apertado entre ilhas (C. Magalhães, "O Selv." cit., Part. 1.^a, pag. 7); ou o canal que entra outra vez no mesmo rio donde partiu. Wapous, "O Brazil Geographico e Historico", Edic. condensada de J. Capistrano de Abreu, e A. do Valle Cabral, 1884, pag. 67, not. 1.^a E' o mesmo Parázinho (mã versão do outro vocabulo já traduzido para o portuguez o diminutivo *mirim*), pequena enseada ao norte da barra do Ceará, onde abrigam-se canoas e jangadas de pescadores. Pompêo, Dic. Top. Chamam-na vulgarmente *Paracombuco*, pela forma de uma *combuca*, que toma a enseada.

(36) Varnhagen, Hist. cit., Tom. 1.^o, Notas, pag. 458 e Lacerda, Dic. da Ling. Port., pensam que este vocabulo é africano; e Moraes, Dic. Port., que é da Angola e do Brazil. Mas Baptista Caetano, Vocab. cit., pag. 359 e 546, diz que é guarani, corruptella de *tupoi*, *tupai*, *tipói*—o que pende das coxas, do quadril, roupa pendente, camisa, saia, vestido, rede de cobrir. Concorda Costa Rubim, "Vocabulos Indigenas e outros introduzidos no uso vulgar, na Rev. do Inst. Hist.", Tom 45, pag. 386

(37) Si bern comprehendo Julio Verne, "Ilha Misteriosa e Escola dos Robinsons", pag. 104, 105 e 123, "isto não passa de invenções de imaginação de selvagens para enganar ao pobre mundo". Mas o facto é verdadeiro, attestado ainda hoje pelos nossos sertanejos, que pelo mesmo processo tiram fogo tambem, e por autoridades respeitaveis:

Era costume do selvagem rude
Roçar um lenho n'outro com tal jeito,
Que vinha por electrica virtude
Accender lume, mas com tarde effeito.

Durão, *Caramurú*, C. 1.^o E.25.

Lá como é uso do paiz, roçando
dous lenhos entresides porta a chama,
(ma,

para mudarem, nem onde se abrigarem, supportavam resignados grandes aguaceiros, ora por caminhos terriveis abertos a braços, ora parados por não poderem penetrar na espessa matta virgem.

Nem alimentação tinham abundante! os viveres que levavam erão poucos, e a caça rara e difficil. O que havia em abundancia era onça e cobra venenosa, que já havia matado a um indio da comitiva, e tornava o trajecto apenas praticavel à pequenas jornadas e longos intervallos.

O sentimento religioso não é certamente como os outros sentimentos, que diminuem ou se extinguem com o tempo, emudecem à vista dos perigos, desaparecem à vista das desgraças: elle pelo contrario fortalece-se com o tempo, cresce com a idade, e na presença dos infortunios, nas crises mais arriscadas exerce a sua maior força, ostenta o seu maior poder. (38)

E' por isso que os maiores soffrimentos, longe de os amofinarem, cada vez mais robusteciam os dous apostolos peregrinos abrazados na fé de Deus e devotados ao bem da humanidade. Por aquellas mattas virgens e seculares quantos pensamentos de philosophica tristeza não lhes ensombriariam as almas candida se angelica? Seculo depois Chateaubriand traduzia-os, de um modo inimitavel, em sublimes e harmoniosas notas, na sua «Viagem à America», contada hora por hora:

TRES HORAS

«Quem pode exprimir o que se sente entrando nessas florestas tão velhas como o mundo, e que ainda podem dar uma idéa do que era a creação quando sahiu das mãos de Deus? O dia, projectando-se atraz da folhagem, espalha na profundeza da matta uma meia luz vacillante e

que se atêa nas ligeiras palhas e ligeiramente se apaga.

Bazilio da Gama, *Uruguay*, cit., *Morte de Cacambo*.

«Pois uns paúsinhos seccos esfregados concebem calor e levantam chamma», disse o visconde de Castilho na *Conversação Preambular do D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro, pag. 20.

Entretanto o mesmo Julio Verne, que põe em duvida um facto tão conhecido e praticado, acredita que «às vezes, quando o algodão não está bem secco na occasião do embarque, pode haver combustão espontanea, no fundo de um porão humido que não pode ser ventilado"! Vide *O Chancellor*, *Diario do Passageiro J. R. Kazallon*, pag. 31.

(38) Conselheiro Bastos, *Meditações*.

mobil, que dà aos objectos uma grandeza phantastica. D'ahi a pouco a floresta torna-se mais sombria, a vista apenas distingue troncos, que se succedem uns aos outros, e que parecem unir-se alongando-se. A idéa do infinito apresenta-se ao meu espirito.

MEIA NOUTE

«O fogo começa a se extinguir, o circulo de luz se retrahê. Escuto; uma calma sinistra pouza sobre a floresta; dir-se-ia que os silencias succedem aos silencias. Procuo de balde ouvir nesse tumulto universal algum rumor, que revele a vida. Donde vem este suspiro? De um dos meus companheiros; elle queixa-se mesmo dormindo. Tu vives, logo tu soffres: eis o homem.

UMA HORA

«Eis o vento; deslisa pelo cimo das arvores; agita-as, passando sobre minha cabeça. Agora como a vaga do mar que se quebra tristemente sobre o rochedo. Os murmurios accordam os murmurios. A floresta é uma harmonia. São os sons graves do orgão que eu ouço, enquanto sons mais ligeiros erram nas abobadas de verdura? Um curto silencio succede. A musica aerea recommença; por toda parte doces queixumes, rumores que encerram outros rumores; cada folha falla uma linguagem differente, cada raminho de relva modula uma nota diversa. Uma voz estrepitosa echôa; de todas as partes da floresta, os morcegos, occultos sob as folhas, soltam cantos monotonos; julgo ouvir dobres de finados, ou o triste reboar de um sino. Tudo nos inspira uma idéa da morte, porque esta idéa está no fundo da vida.»

Pela Paschoa avistaram a magestosa serra da Ibiapaba (39), para elles verdadeira Chanãan ou Terra da Promissão, tanto para se refazerem do necessario à subsistencia, como para tratarem da salvação de tantas almas, precisas do pasto espiritual.

Afinal, depois de sete mezes de sua partida do Recife, chegaram ao desejado platô da serra, mais mortos do que vivos.

Eram elles igualmente os primeiros padres que o galgavam, sem sup-

[39] E' um dos vocabulos indigenas, que mais interpretações tem tido: mas a verdadeira é—terra *talhada*, que lhe deu o padre Vieira na sua "Relação da Missão da Serra da Ibiapaba", Cap. 8, pr. Com effeito, da banda em que fica a costa é quasi inacessivel; porque, cortada como a prumo, parece uma muralha, fabrica da natureza, e imperfeição da arte, tão alta que assombra as mesmas nuvens, e aos mesmos olhos tira a vista. Padre José de Moraes Hist. cit., Cap. 4.

por, mas tambem sem temer o padre Pinto, que ella lhe fosse de partibulo e tumulto, victima d'aquelles mesmos, cuja felicidade procurava com sacrificio da propria vida!



Planos futuros

Eram primos-irmãos; ambos creanças, Louros, garrulos taes como a jandaia; Vivos, rosados, innocentes, puros Como a neve dos cimos do Hymalaia.

Conversavam baixinho, alegres, rindo A' sombra do vetusto castanheiro, Ella—em bonecas, modas e vestidos, Elle—em amores, glorias e dinheiro.

«Quando eu for grande comprarei palacios, Q' hão de offuscar os «outros» com seus (brilhos,»

Elle dizia e ella lhe responde: «Onde havemos viverco os nossos filhos.»

MARTINHO RODRIGUES.



Ignez

(A HORACIO DE CARVALHO)

Talvez não a conheças.

E' bella e tentadora como um fructo maduro.

Os seus olhos negros, de uma humidade veludosa e casta, têm o fulgor magnifico dos diamantes pretos.

Nos seus labios vermelhos, gordos, artisticamente abertos n'um rosto illuminado de sympathia e bondade, cheio d'aquella pennugem suavissima dos pecegos, paira constantemente um sorriso alegre de virgem feliz, que exhibe splendidamente uma fila lapidada de dentes branquissimos. e terminam em duas covinhas adoraveis e provocantes.

Habita uma casinha a beira-mar, á direita da estrada branca e larga, que se estende para o centro até a montanha.

A vida d'ella é travessear pelo campo em demanda de ninhos e flores, ou correr pela praia, de sáias nos joelhos, enterrando os pés na areia limpada. com as pernas bem feitas mergulhadas na caricia espumosa das ondas.

E' uma borboleta.

Apesar dos seus dezoito annos e da florescencia exuberante e perfumosa da sua carnção olympica, ella vive n'uma despreocupação ingenua, n'uma buliciosidade infantil, como um rapaz creado á solta, na fecunda liberdade do campo.

Admiravel!--na sua belleza correcta e desapertada de rapariga aldêiã, medrada na saude intensa, na tranquillidade feliz dos vegetaes que espalham frescura e vida.

E' uma especie de densa jovem, cheia da resplandecencia alegre do sol.

Si chegares a vê-la, algum dia, com oerteza não resistirás ao desejo aguilhoante de contornal-a, aquarellal-a ás pressas, n'uma pequenina lamina azul de prósa quente, artistica e lampejante, como eu procurei fazer agora, em linhas doces e cantantes como uma orchestra,—para depondural-a depois, sobre a meza da escripta, no teu gabinete de artista moderno, como uma recordação viva e saudosa dessa rapariga galante.

VIRGILIO VARZEA.

A CARTA

A MARTINHO RODRIGUES

Agora de emoção sinto-me cheio!
E são tantas etaes que até receio,
Que de prazer o coração se parta...

M. RODRIGUES.

Afinal recebi tua cartinha
Ha tempos esperada anciosamente,
De tua propria mão entregue a minha,
Tirada de teu seio, ainda quente.

Imagina, querida, a felicidade
Q' não senti n'est'hora!... Oh foi infinda...
Quanto mais eu beijava-a mais vontade
Eu tinha de beijal-a mais ainda!

E assim horas e horas esquecido
Eu passei a relêr, embevecido,
Linha por linha, flor, continuamente...

Em fim, para dizer-te o que sentia,
Si alegria tambem matasse a gente
Eu creio que n'est'hora morreria.

J. OLYMPIO.

DA CORTE

19 FEVEREIRO—89.

Fundou-se no dia 12 d'este mez o Gremio de Letras e Artes, uma assembléa que era de grande necessidade, em que semanalmente se reunirão os associados, para assistir a leitura das peças novas, e para tomar parte em palestras utilissimas. O Gremio pretende, alem d'isto, auxiliar aos escriptores nacionaes que não tenham recursos para a publicação dos seus trabalhos. Ali, têm entrada todas as formas de sentir as manifestações da arte. E, uma coisa que anima a muito esperar d'elle, perdõem-me a superstição, é que foi fundado no Club Tiradentes.

A directoria ficou composta dos Srs. Machado de Assis, Cyro de Azevedo, Rodolpho Bernardelli, Valentim Magalhães, Belmiro de Almeida, e supplentes os Srs. Miguel Cardoso, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, sendo secretario geral o Sr. Paula Ney.

Contam que ao partir para a Europa, um joven pintor brasileiro, pensionado pela academia de bellas-artes, e a quem chamaremos de Simplicio, ouvira de um jornalista, critico-artístico da terra, o seguinte :

— *Volta um Raphael, meu caro.*

Ao que o pintor acudiu :

— *Deus me livre de tal cousa, eu desejava voltar um mesmo Simplicio.*

Não entende assim o Sr. senador E. Taunay. S. Exc., como musico, escreve *Chopinianas*, como romancista escreveu uma lamartinada a que chamou «*Innocencia*», e agora escreveu um drama *Amelia Smith*.

Não diz como o poeta :

«*Mon verre n'est pas plein,
Mais je veux boire dans mon verre.*»

E quando deseja dizer isso, ou por outra, quando quer dizel-o, escreve umas inverosimilhanças, como o typo principal do seu drama. Amelia é um protótypo de honradez e de virtude, de character, de dignidade, um exemplo de amor conjugal, de amor filial, de educação, a par de um protótypo da venalidade, do interesse baixo, da adultera capciosa e conscienciosa do seu rebaixamento social, da mulher que tem consciencia que foi comprada por uma lettra de 2 mil contos.

A par desta complicação de uma protogonista de 3 characteres, como bem faz sentir o Sr. Alberto Torres, em sua apreciação publicada na *Vida Moderna*, as scenas se desenrolam sem observação e sem fundo algum de verdade.

No 3.º acto por exemplo, Amelia Smith, n'uma reunião em sua casa, um palacete situado no bairro mais aristocratico da corte, e na presença de uma infinidade de convidados do *high-life*, a *élite* da sociedade elegante, dirige-se a uma amiga que entrara em sua casa para interpellal-a sobre o motivo por que não foi convidada, ao que a protogonista responde :

« Não convidei-a porque a senhora não tem um procedimento correcto e podia manchar a minha casa », — entende-se isto da resposta que Amelia dá.

E' incrível que uma senhora da alta aristocracia e bem educada tenha em tão pouco a presença de cavalheiros distinctos e senhoras não menos !

E assim é o mais do livro, pelo menos assim o entendi da rapida leitura que fiz d'elle.

Rodolpho Bernardelli já fez exposição do tumulo de José Bonifacio e do projecto do monumento a José de Alencar.

A impressão foi a que o publico esperava do auctor do *Christo e a Adultera*,

Estou habilitado a dizer que a subscrição para o monumento de José de Alencar não está concluida, como disse na minha primeira carta. Será muito honroso para os cearenses que se conclua no Ceará mesmo a subscrição, a que faltam oito contos.

Creio que não precisará uma justificação esta proposta feita das columnas d'*A Quinzena*.

Agita-se presentemente uma questão de competencia critica entre o redactor artistico d'*O Paiz* e o Sr. Miguel Cardoso, critico musical da *Semana*, e professor de musica da Escola Normal da corte, auctor da *Grammatica*. E' triste, pois de lado a lado ha *paixão e parti-pris*. O illustrado Fétis, critico musical da *Vida Moderna*, aconselhou-os a acabar essa pendencia.

O Sr. Miguel Cardoso lançou um repto para um duello artistico, apresentando padrinhos idoneos, repto que foi repellido pelo critico d'*O Paiz*, que continua com uma analyse, a maior parte das vezes sophistica, da *Grammatica Musical*, producção do seu antagonista.

O maestro Migùez acaba de compor uma bellissima sonata para piano e violino. Todas as partes estão tratadas com a correcção e delicadeza exigidas em uma peça deste character e forma. E' uma peça que por si é bastante para fazer respeitar o seu auctor em qualquer parte, como um musico inspirado e sabio.

Espera-se que brevemente seja permittido á curiosidade publica este novo trabalho do distincto brasileiro.

Aluizio de Azevedo e Olavo Bilac traduzem para o beneficio do Vasques—*O Roi s'amuse*, de Victor Hugo.

Aluizio é naturalista, impressionista e poeta como Zola. Olavo Bilac tem a elegancia da phrase propria de Theodoro de Banville; portanto, com estes elementos do talento, espera-se com muita probabilidade um *chef d'œuvre* de traducção elegante. A traducção é em verso.

O Sant'Anna dará depois do carnaval, a *Tutinegra do Templo* opera comica militar tradusida pelo Garrido.

A nova revista de Oscar Pederneiras, *Zé-Carpóra*, tem sido uma grande fonte de receita para o Principe Imperial. E' um trabalho muito leve, despretençioso, alegre, pilherico e rico de observação.

Pelo carnaval irá uma nova comedia á proposito intitulada: *Ha alguma differença?*

A *Familia Fantastica* continua a fazer a alegria dos espectadores do Recreio e do Dias Braga.

28 DE FEVEREIRO.

Tivemos um excellente carnaval, dizem todos. E de certo não foi máo. Simplesmente continúa como nos annos anteriores, isto é,—préstitos imensos, dos quaes não se poder bem apreciar o conjunto; porque as ruas percorridas são as mais estreitas da cidade. Assim o publico, apertado entre um *carro de Ideia* e as paredes das casas, mal póde ver e entender o espirito das

criticas, que a maior parte das vezes teem um quê de ferino, agudo, um quê desgostante, que dá aso ao estrangeiro de pensar mal do nosso espirito satyrico. A meu ver, o prestito perde, visto que só o podemos apreciar por fracções.

Os carros symbolicos são piutados scenographicamente, as figuras que os adornão e povoam são feitas de papelão, e por artistas mediores, ou menos que isto, pois fazem umas mulheres musculosas como um carroceiro, altas como um couraceiro de Frederico o Grande, com umas cabeças tão insignificantes de belleza e forma, como em proporção para com o todo. E' de máo effeito, com o luxo que apresentão as sociedades carnavalescas, sentir esta falta de esthetica que tanto desagrada. Os *pensamentos, as ideias* destes carros symbolicos, sempre são muito aproveitaveis, mas a execução é de um máo gosto incrível. Oxalá que (um principio de economia artistica) dispendessem menos nos prestitos e mais nos assumptos de arte. Que apresentassem cousa mais digna de um espirito artistico, que houvesse, em summa, menos pompa, e mais arte.

O espirito satyrico, porém, devia ser mais cultivado, mais frequente e menos offensivo de parte dos Srs. das sociedades.

Sou muito affeito a estes divertimentos publicos, e trabalharia sempre para dar-lhes vida, se isto lhe faltasse.

Os Srs. Arthur Azevedo e Moreira Sampaio estão escrevendo uma nova revista do anno passado e a que intitularam *Mercurio*. Confiada, como está, a actores do merito de Cenira Polonio, Bahia, Colás

e outros, é de esperar uma bõa execução.

O *Paiz* de hoje (28) em sua correspondencia da Italia, trata da nova opera de Verdi, *Othello*. Um verdadeiro successo, e mais que isto, uma nova epocha em a musica dramatica moderna, que estava tão decahita. Verdi creou uma nova forma, mostrou uma nova phase do seu talento, não incanecido apesar dos seus 74 annos; exuberou uma frescura de inspiração, de ideias tão extraordinarias sobre o eclectismo musical, que a sua nova opera é um acontecimento artistico quasi ignal ao de *Ernani*, de Hugo, e a de *Madame Bovary* de Flaubert.

Em continencia, pois, deixai entrar o *Othello*!

Preparam aqui uma nova edicção, illustrada, do *Guaranhy*. Dos artistas a quem estão confiados as illustrações só podemos esperar um digno trabalho. Prefacia esta edicção o mestre, Machado de Assis. O que se deve dizer ao saber o nome do prefaciadôr do mimoso poema em prosa?

E leitor que responde, nós dispensamos-nos disto.

Ha alguma differença! — E' esta phrase interrogativa a ultima *tolice—banal* inventada por um espirito chato, e que fez echo em toda a cõrte e talvez fóra d'ella. Sem espirito e sem razão, achou dois rapazes considerados talentoso, que tomaram-na como titulo de uma *comedia á proposito*, que foi a scena no sabbado, 25.

Tem a palavra o *Diario de Noticias* sobre o merito desta peça:

«O insulto baixo, em linguagem rasteira de espelunca, a allusão torpe, o dito usa-

do nas estalagens, que se completa por uma pornografia, a descompustura sem véo, a immoralidade sem folha de parreira, a tolice desengraçada e um churilho de asneiras, formando uma coisa impossível e sem nexos, nem disposições theatraes, eis o que representou-se hontem na Phenix, com o consentimento da policia e do CONSERVATORIO DRAMATICO, presidido por um homem sério, que tem a seu lado uma brilhante intelligencia e que pertence aos dois mundos, das artes e das letras ! »

Não convem mais dizer nada, ou antes, convem notar uma circumstancia. O Publico, que é avido de escandalos e ditos apimentados, de pernas e *cancans*, pateou. Estão suspensas pela policia as representações.

Quando terá este esperançoso Brazil uma litteratura dramatica ?

MARIO



A MULHER NA FAMILIA

E' no lar, santuario intimo de seus mais puros affectos que a mulher deve ostentar verdadeiramente a bondade e ternura de seu coração, tornando-se o anjo da guarda do esposo e dos filhos e lhes inspirando o bem e a virtude.

A natureza dando á mulher uma constituição fraca e um temperamento nervoso não a destinou a vida da lucta, no seio da sociedade, entregue ás agitações e ao afan dos negocios; reservou-a como uma reliquia mimosa para a familia, para aformosear este pequeno mundo intimo, onde ella tem de exercer sua benfazeja influencia no triplice papel de filha, esposa e mãe.

Com effeito, si ella ultra-

passando o limite que lhe foi traçado por mão sabia e previdente atirar-se ao torvelinho do mundo, entregando-se á vida tumultuaria que só compete ao homem, gastará as forças e cairá extenuada sob o peso da difficil tarefa que empreendera, sem ter realisado o ideal que aspirára e conhecendo talvez muito tarde que não era este o seu papel.

Ha flores que se desenvolvem na liberdade do campo; ha outras, porem, que apenas nos limites de um jardim e cultivadas por mão habil podem crescer e desabrochar.

A mulher assemelha-se a essas ultimas flores, e no recinto da familia, cercada dos cuidados dos entes que a idolatram, e por sua vez enchendo-os de desvelos e solitudine é que pode mostrar a exuberancia de seu coração e a beleza de sua alma.

Houve, porem, mulheres que se immortalisaram por feitos gloriosos e que a historia nos apresenta como verdadeiras heroínas.

Desde os mais remotos tempos, quando a humanidade no embryão da civilisação luctava ainda com as trevas do obscurantismo, a mulher surgiu illuminada por um esplendor divino patenteando o poder e a força irresistivel de sua fraqueza.

Todos os vultos femeninos que admiramos na historia antiga podem hombraear com as heroínas da meia idade e com as mulheres celebres da nossa epocha, nas quaes a civilisação imprimiu um beijo de luz.

Si Judith embebeu na garganta do oppressor dos judeus o punhal homicida, Roland emmaranhou-se na politica para destronisar um rei pnsillanime e aclarara França com

o sol da liberdade, e servindo-se do gladio de sua penna inspirada com ella acutilou o despotismo e a tyrannia.

Seria longo repetir os nomes dessas mulheres que se immortalisaram, mas não teremos entre nós outras heroínas eguaes a essas que arrastadas pela força do genio se atiraram na arena da lucta por amor de uma idéa, ou pelo fanatismo de uma causa ?

Sem sahir da doce obscuridade do lar não poderá certamente a mulher figurar na historia, ao lado do homem como o prototypo de virtudes civicas; porem que melhor celebridade para ella do que reviver eternamente no coração de seus filhos adorada, reverenciada como um modelo de virtudes e boas qualidades ?

Que melhor gloria do que educar futuros cidadãos que saibam honrar a patria e engrandecel-a com o merito que sempre resulta das boas acções ?

Na familia é a mulher a companheira do homem, a educadora dos filhos.

Portanto não deve esquecer nunca que della dependem a felicidade e o futuro das tenras creaturas que nella se revêm como em um espelho que deve reflectir as mais bellas e puras imagens; que lhe cumpre velar incessantemente para desenvolver o bem n'aquelles corações ingenuos e inexperientes, procurando todos os meios para depositar nelles o germen que deverá produzir no decurso da vida bons e salutaes fructos.

Uma mãe lê na alma dos filhos com uma perspicacia verdadeiramente admiravel.

F. CLOTILDE B. LIMA.

(*continúa.*)

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 6

FORTALEZA, 30 DE MARÇO DE 1887.

SUMMARIO

O papel da poesia—R. FARIAS BRITTO.
Os quinze dias—J. L. ;
Jesus—V. BRIGIDO ;
O padre Francisco Pinto ou a primeira catechese de infios no Ceará—PAULINO NOGUEIRA.
Morphético—VIRGILIO VARZEA ;
A mulher na familia—F. CLOTI E B. LIMA.
Uma observação—L. CABRAL.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

O papel da poesia

L'inspiration, le je ne sais quoi, ce qui va a l'idée et qui frappe l'âme, sont des mots écrits en caracteres noirs sur des nuages bleus.

PROUDHON.

Quem tiver alguma idea dos trabalhos extraordinarios que hão sido emprehendidos e das descobertas fecundas que hão sido realisadas nesta epocha extraordinaria, que com razão se pode chamar a epocha das indagações e das revoluções intellectuaes, hade ter notado o seguinte :

1.º Que o espirito chegou a um estado tal em seu desenvolvimento

que só acceita como incontestavelmente certo aquillo que pode sujeitar-se a uma prova segura, visivel, material, deixando inteiramente de parte como inacessivel ao entendimento a essencia das cousas, o incondicionado, o absoluto.

2.º Que todas as descobertas da sciencia moderna têm uma applicação mais ou menos directa sobre o melhoramento da vida, sobre o bem estar da sociedade.

Em outros termos : estuda-se unicamente aquillo sobre que se tem provas, só se acceita como certo o que é confirmado pela experiencia e pela observação rigorosa dos factos ; e demais só se attende às indagações que podem ter alguma influencia sobre a marcha da sociedade, que podem ter alguma utilidade real.

D'ahi um novo criterio para julgamento dos diversos elementos de que se compõem a sociedade e uma das consequencias mais importantes d'esta nova ordem de cousas foi o rigor com que foram muitas cousas julgadas e a facilidade com que foram muitas outras expellidas para o numero das cousas inuteis. Apareceu uma sede inesgotavel de critica e ; por entre a destruição do que realmente deve ser destruido, muita cousa foi sacrificada, a par do que vae ficando em esquecimento.

Nunca é possivel fazer de uma só vez uma obra completa—tal é em poucas palavras a explicação desse facto, e não se deve temer que por estas imperfeições parciaes a moderna revolução intellectual deixe de produzir os seus beneficos effeitos.

Como tudo o mais, a poesia teve de ser submettida ao tribunal do pensamento moderno. Como já em outras eras tem acontecido, houve quem pretendesse lavrar-lhe uma sentença de morte. E' a sua defesa que vamos agora fazer.

Antes de tudo devemos observar que não se trata de fazer um estudo completo sobre a natureza da poesia, bem como sobre a sua influencia no mecanismo da sociedade. Seria um problema esse que se confundiria com o problema mesmo da litteratura, e não temos elementos para levar a effeito uma empreza desta ordem. Apenas apresentaremos ligéiras notas sobre a influen-

cia da poesia, sem entrarmos no exame minucioso das diversas escholae e apenas procurando defendel-a dos ataques que injustamente lhe hão sido dirigidos na effervescencia do grande movimento intellectual hodierno.

A poesia, dizem, é a linguagem das sociedades nascentes, a auro-ra da vida sentimental e intellectual da humanidade.

Revestida de um certo character religioso, é por assim dizer a expressão ingenua dos movimentos emocionaes das sociedades que ainda não chegaram a um certo grau de desenvolvimento, a manifestação espontanea das primeiras agitações que experimentam os povos incultos.

A' proporção, porem, que as sociedades augmentam, à medida que o espirito scientifico mais se desenvolve no homem, a sua influencia vae pouco a pouco tornando-se menos poderosa e real, até que com o completo desenvolvimento das faculdades humanas o seu desapparecimento será necessariamente total.

D'este modo acceita-se a poesia como um facto, senão inteiramente passado, pelo menos como um facto que vae passando e hade passar.

Houve um tempo em que na falta de outros recursos o homem teve necessidade de manifestar a sua actividade por meio da poesia. Condições mui especiaes da sociedade, imperfeições mentaes, predominio do sentimento sobre a intelligencia, necessidade de exercicio mental etc etc. determinaram o seu apparecimento: isso porem já passou e vae sendo universalmente reconhecido.

Agora começamos a entrar em uma nova ordem de cousas. O espirito começa a livrar-se das peias que limitavam o seu livre desenvolvimento e se põe em face da natureza que se propõe explorar. Termina esse longo periodo de inconsciencia a que esteve sujeita a humanidade, e nestas condições a poesia terá de forçosamente se reduzir a isto—um phenomeno historico que já teve o seu tempo.

Tratemos de submeter a materia a um exame geral em conformidade com os principios proclamados pela sciencia e tendo em vista as necessidades do homem.

Já uma vez tivemos occasião de dizer, estudando outra questão: "O homem, segundo a moderna comprehensão das cousas, segundo o estado actual das idéas só poderá encontrar uma explicação natural de sua existencia no seio do mundo zoologico. Os trabalhos de Copernico, Kepler, Galileu e Newton destruíram o erro geocentrico, e os trabalhos de Goethe, Lamarck, Liell, Darwin, Hækel etc. destruíram o erro anthropocentrico, erros que muito obscureciam os conhecimentos relativos ao homem. Hoje acham-se completamente destruidas as idéas theologicas em virtude das quaes tudo acerca do homem se achava envolvido nas brumas tenebrosas das velhas concepções metaphisicas. Chegou a comprehender plenamente que o homem está intimamente ligado ao universo e não pode ser separado d'elle. Conheceu-se que é uma simples particula da natureza e que, como ella, está sujeito a leis imutaveis e eternas, encontrando-se a explicação de sua existencia nas profundezas do mundo animal, o qual por sua vez tem o seu fundamento nas evoluções e nas complicações infinitas do movimento cosmico"

A consequencia geral que d'ahi resulta é que o homem como tudo o mais está inevitavelmente sujeito ao regimen inflexivel do mechanismo universal. Isto quer seja considerado sob o ponto de vista physiologico, quer sob o ponto de vista psychico e social.

Não se trata da questão das origens que nada adianta em relação à materia de que nos occupamos. Tratemos unicamente de ver quaes as causas determinantes dos actos do homem.

Estudando os diversos elementos que concorrem para a determinação dos actos humanos e observando a marcha da humanidade atravez da historia, vê-se claramente que dous principios fundamentais e subjectivos combinados com uma multiplicidade infinita de causas objectivas, presidem a marcha da vida desde o obscuro habitante das cavernas até os brilhantes filhos da civilisação hodierna: o interesse e a paixão. Esses dous principios combinados dão em resultado a necessidade, e tal é a grande força motora a que são devidas todas as obras, todas as grandes conquistas da actividade humana.

As necessidades do homem podem ser reduzidas a duas ordens: necessidades phisicas e necessidades intellectuaes. As necessidades phisicas dão lugar à pesca, à caça, à domesticação dos animaes, ao commercio, à agricultura, em uma palavra, a todos os esforços do homem tendentes a appropriação do universo e que tem por fim o desenvolvimento physico do individuo.

As necessidades intellectuaes dão lugar aos esforços do homem tendentes ao conhecimento das cousas, ao aperfeiçoamento indefinido da intelligencia, a essas grandes manifestações do pensamento: a sciencia, a religião, a philosophia.

Tal é com effeito o grande campo em que se exerce a actividade do homem e a historia inteira não tem outro fim senão registrar as conquistas do espirito, já relativas à satisfação das necessidades phisicas, já relativas à satisfação das necessidades intellectuaes. Ao lado, porem, das necessidades phisicas e intellectuaes colloca-se uma outra ordem de necessidades—as necessidades estheticas.

O homem não precisa somente de conhecer e dominar as forças da natureza: elle admira e precisa de traduzir a sua admiração; sente e precisa de manifestar o seu sentimento. Em virtude de suas necessidades intellectuaes observa attentamente a marcha das cousas e desta observação eleva-se ao conhecimento das leis que a regem; põe-se depois, em virtude de suas necessidades phisicas em luta contra as forças da natureza e dominando-as, para o que se serve dos seus proprios conhecimentos, transforma-as em utilidades, assegurando assim a conservação e o desenvolvimento da vida.

Ha, porem, alem d'esta esphera em que gira a actividade humana, uma outra ordem de factos ainda mais elevada. Alem dos esforços do espirito tendentes a appropriação e ao conhecimento do universo, acontece que no meio das difficuldades enormes que encontra no exercicio de suas faculdades, na infinita complexidade dos factos sociaes, cercado de duvida e incertezas, no meio das luctas interminaveis dos homens uns contra os outros, na grandeza, nos gozos, bem como na miseria e no soffrimento, e sobretudo em face do espectáculo magestoso da natureza, o homem sente agitar-se dentro de si um elemento desconhecido que o transporta: enthusiasma-se, canta, suspira, enlouquece, chora.

De um lado apresenta-se o quadro tenebroso da dor e da miseria no seio da sociedade e do mundo animal; de outro lado o espectáculo maravilhoso da força universal no seio da natureza.

E o homem fica suspenso como que entre os limites de dous mundos desconhecidos: sente-se o effeito prodigioso de uma extranha fascinação que nos eleva aos limites da natureza: sente-se todo o horror que nos inspira o não ser e experimenta-se o deslumbramento da eternidade.

A vista procura então um ponto de apoio e perde-se no espaço, o coração procura uma afeição

que o abranja e parte-se do peito. E' a contemplação da idéa.

A historia é uma serie constante de luctas intellectuaes e de luctas phisicas ou economicas, mas é tambem uma serie de luctas sentimentaes; e a lagrima, as emoções, o enthusiasmo, o amor, não deixam de exercer uma grande influencia sobre a marcha da sociedade.

Werther, suicidando-se por não lhe ter sido possivel o amor de Carlota, não foi o producto hybrido de uma imaginação doentia, porem um symbolo vivo da humanidade. Dante afogando-se num oceano de luz, depois de ter passado pelos sombrios horrores do inferno, afogando assim a imaginação e inundando as profundezas da alma com a deliciosa perspectiva da felicidade celeste, tudo isso por uma só idéa que o inflamava, a idéa de Beatriz, confundindo-se com a idéa mesma da humanidade, não foi um simples exercicio mental, um simples esforço de metrificacão, porem os mais elevados paroxismos, os ultimos delirios da paixão, a profundez, o transcendentalismo do amor.

Quem foi que no meio das grandes agitações sociaes, entre a alegria e a tristeza, o prazer e a dor, o sorriso e a lagrima, em face do movimento incessante das grandes luctas da humanidade, alguma vez não sentiu-se poeta? Ha momentos em que um só homem concentra em sua alma a totalidade das emoções, que constituem a vida da humanidade: é quando uma grande idéa revolucionaria o seu ser. Homero, Dante, Virgilio, Shakspeare, Goethe, Hugo e todos os grandes poetas devem sem duvida ter experimentado d'estes sublimes momentos. A actividade do organismo accumula-se toda em um só ponto e a natureza inteira concentra-se n'alma. Faz-se então uma fusão maravilhosa: o espirito se estende para a natureza e a natureza se estende para o espirito; o movimento interminavel do mundo cosmico termina na consciencia e a consciencia o reflecte. O resultado é a philosophia, a sciencia, a religião, a poesia. D'ahi esta consequencia: a natureza é um poema eterno.

(Continúa)

R. FARIAS BRITTO.

OS QUINZE DIAS

Palavra que eu preferia não ter assumpto para a chronica destas duas ultimas semanas. Sei que não me acreditam e estou vendo d'aqui o sorriso da duvida zombeteira com que